



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO - SE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

SOBRE ARTES, CULTURA, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO: TEXTOS
JORNALÍSTICOS DE FELTE BEZERRA

Amanda de Matos Pereira

São Cristóvão (SE)

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

**SOBRE ARTES, CULTURA, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO: TEXTOS
JORNALÍSTICOS DE FELTE BEZERRA**

Amanda de Matos Pereira

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito para obtenção do diploma em História
licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Francisco José Alves

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2016

Sumário

INTRODUÇÃO	6
NOTAS À INTRODUÇÃO	12
TEXTOS	14
TEXTO 1. A federalização do Ensino. Correio de Aracaju, Aracaju , 17 de agosto de 1946..	15
TEXTO 2. O concêrto de Blanca Antony. Correio de Aracaju, Aracaju , 24 de agosto de 1946	19
TEXTO 3. Crítica de Teatro. Sergipe Jornal , Aracaju, 06 de setembro de 1946	21
TEXTO 4. Crítica de Teatro. Sergipe Jornal , Aracaju, 10 de setembro de 1946.	24
TEXTO 5. Crítica de Teatro. Sergipe Jornal , Aracaju, 17 de setembro de 1946	26
TEXTO 6. Rotary Club. Correio de Aracaju , Aracaju, 28 de novembro de 1946.....	28
TEXTO 7. Recepção ao Prof. Michel Simon. Sergipe Jornal , Aracaju, 29 de março de 1948.	31
TEXTO 8. O Concêrto de Jacques Ripoché. Sergipe Jornal , Aracaju, 02 de agosto de 1948	35
TEXTO 9. Folk-Lore. Diário de Sergipe , Aracaju, 25 de agosto de 1948	37
TEXTO 10. Teatro Novo. Diário de Sergipe , Aracaju, 25 de setembro de 1948	40
TEXTO 11. Brasini-Vanda-Milton. Diário de Sergipe , Aracaju, 30 de setembro de 1948... ..	42
TEXTO 12. Sergipe e o ciclo do couro. Diário de Sergipe , Aracaju, 03 de novembro de 1948	44
TEXTO 13. Um cometa passa em seu perihélio, Diário de Sergipe , Aracaju, 19 de novembro de 1948	47
TEXTO 14. A Atlântida. Diário de Sergipe , Aracaju, 01 de dezembro de 1948.....	50
TEXTO 15. O Eclipse total da Lua. Diário de Sergipe , Aracaju, 12 de abril de 1949	54

TEXTO 16. Concerto Lilamand. Sergipe Jornal , Aracaju, 30 de novembro de 1949.....	57
TEXTO 17. Crítica de Teatro. Sergipe Jornal , Aracaju, 05 de maio de 1950.....	60
TEXTO 18. Crítica de Teatro. Sergipe Jornal , Aracaju, 09 de maio de 1950.....	62
TEXTO 19. Ritmos e Bailados. Diário de Sergipe , Aracaju, 13 de agosto de 1950	64
TEXTO 20. Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Diário de Sergipe , Aracaju, outubro de 1950	67
TEXTO 21. Discurso pronunciado por Felte Bezerra. Diário Oficial , Aracaju, 17 de dezembro de 1950.....	70
TEXTO 22. Reservas Florestais. Sergipe Jornal , Aracaju, 05 de março de 1951	76
TEXTO 23. Giuseppe Verdi. Sergipe Jornal , Aracaju, 21 de março de 1951.....	79
TEXTO 24. Concerto Irany Leme. Diário de Sergipe , Aracaju, 02 de maio de 1951	83
TEXTO 25. 1º Festa de Arte, Concêrto Oriano de Almeida. Diário de Sergipe , 07 de junho de 1951	85
TEXTO 26. Oriano de Almeida no Recital de chopin. Correio de Aracaju ,08 de junho de 1951	88
TEXTO 27. Recital Ripoché. Diário de Sergipe , Aracaju, 19 de julho de 1951	91
TEXTO 28. Concerto Izabel Mourão. Diário de Sergipe , Aracaju, 17 de setembro de 1951 ...	93
TEXTO 29. Concerto Ida Haendel. Correio de Aracaju , Aracaju, 26 de setembro de 1951	96
TEXTO 30. Audição Arnaldo Rebello. Correio de Aracaju , 06 de outubro de 1951.....	99
TEXTO 31. Centenário de Aracaju. Diário de Sergipe , 09 de outubro de 1951	101
TEXTO 32. Bilhete a Iracema de Alencar. Diário de Sergipe , 11 de dezembro de 1951 ...	104
TEXTO 33. Teatro de Amadores. Correio de Aracaju , Aracaju, novembro de 1951.....	106
TEXTO 34. Severino Uchôa e sua “Chave no Paraízo”. Diário de Sergipe , Aracaju, 28 de dezembro de 1951.....	108
TEXTO 35. II Exposição da S.S.F. Correio de Aracaju , Aracaju, 28 de dezembro de 1951	110
TEXTO 36. III Exposição da S.S.F. Correio de Aracaju , Aracaju, dezembro de 1952	114

TEXTO 37. A obra de um homem. Sergipe Jornal , Aracaju, 31 de dezembro de 1952	117
TEXTO 38. O recital do violonista Herrmann. Diário de Sergipe , Aracaju, 01 de abril de 1953	122
TEXTO 39. A bailarina Dores Hoyer. Correio de Aracaju , Aracaju, 25 de agosto de 1953	124

INTRODUÇÃO

Esta monografia compila os textos jornalísticos do antropólogo e odontólogo Felte Bezerra, que foram publicados nos jornais de Aracaju entre 1946 a 1953. O presente trabalho é composto de duas partes básicas: uma introdução, e a transcrição dos textos.

Vejamos, inicialmente, alguns dados biográficos do autor dos textos aqui reunidos.

Felte Bezerra nasceu em Aracaju no ano de 1908, e faleceu em 1990, na cidade do Rio de Janeiro. Era filho do professor Abdias Bezerra e Esmeralda Araújo¹.

Quando tinha apenas seis anos de idade Felte Bezerra perdeu a mãe e passa a ser criado sob os cuidados do pai e de uma tia paterna, Euridice Bezerra.

Com o apoio de seu pai, ele cursa o primário e o secundário no Colégio Tobias Barreto de Aracaju.

Nesta fase, Felte Bezerra sofre a influência de alguns professores, como é o caso de José de Alencar, (no ensino primário) e dos professores Alcebiádes Correa, Arthur Fortes, Manuel Franco e José Augusto Lima (no ensino secundário)².

Concluído o ensino secundário, e sendo desprovido de recursos financeiros, Felte Bezerra não pôde ingressar nas faculdades de Direito de Recife, Rio de Janeiro, São Paulo ou Faculdade de Medicina da Bahia.

Aos 16 anos Felte Bezerra emprega-se como bancário. No ano seguinte, recebe proposta para ser gerente do escritório comercial do Sr. Heráclito Rocha. Entre 1925 a 1929, Felte Bezerra trabalha como bancário. Nesta ultima data, pede exoneração para seguir vida acadêmica e ingressa na Faculdade de Medicina da Bahia. O curso pretendido era medicina, mas devido aos altos custos que o curso exigia, acabou por prestar vestibular para odontologia. Durante o tempo em que esteve na Bahia, em seu período de formação, Felte Bezerra fez cursos de inglês.

Aluno disciplinado, Felte se forma odontólogo em 1933, e retorna a sua cidade (Aracaju) no mesmo ano.

Em 1934 inicia sua carreira como dentista. Neste mesmo ano ele torna-se professor de inglês no Colégio Estadual de Sergipe em 1934.

Em 1938, Felte Bezerra torna-se professor catedrático de Geografia no Colégio Ateneu.

Em 1949 Felte Bezerra almeja a docência no ensino superior, e candidata-se a cadeira de antropologia da Faculdade Católica de Sergipe. Não logra êxito, pois, o Conselho Superior de Educação recusa seu pedido alegando que a cadeira de antropologia, no ensino superior, somente pode ser ocupada por alguém com formação em medicina.

Mesmo com a recusa do CSE Felte não esmoreceu e continuou fazendo pesquisas antropológicas. Assim, em 1950 publica “Etnias Sergipanas”³. A obra lhe rende reconhecimento de antropólogos renomados como Donald Pierson, Roger Bastide, Gilberto Freire, dentre outros. O fato possibilitou a Felte Bezerra ingressar no magistério da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, ocupando as cadeiras de Etnologia e Etnografia. Na mesma faculdade, Felte Bezerra também ministrou a disciplina Geografia Humana.

Como docente da Faculdade desenvolve sua vocação para as Ciências Sociais, especialmente, a antropologia. Mais tarde, torna-se também, professor da Faculdade de Ciências Econômicas e História Econômica⁴.

Em 1951, Felte Bezerra ingressa na Academia Sergipana de Letras, onde passa a ocupar a cadeira n° 2.

Entre 1951 a 1958 Felte Bezerra vive o apogeu de sua vida intelectual. Além de tornar-se sócio de várias entidades científicas brasileiras, participa de eventos científicos em países como a Alemanha.

Nesta fase, Felte Bezerra teve marcante participação na vida intelectual de Sergipe. Ocupa a presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1951-1953) e também funda e

dirige, no período entre 1951 a 1958, a Sociedade da Cultura Artística de Sergipe (SCAS). Nesta época também escreve para jornais.

No ano de 1959, após a morte do seu sogro Guilhermino Rezende, Felte renuncia a direção do banco Rezende Leite. Atividade que até então ele conciliava com a docência.

Em 1960, Felte Bezerra deixa Sergipe e vai para o Rio de Janeiro. Naquela cidade, ocupa diversos empregos, no comércio, na Ordem Federal dos Músicos do Brasil, na Rede Ferroviária Federal, e, por fim, no MEC.

Por cerca de 10 anos, o autor se manteve afastado das atividades intelectuais. Todavia, a partir dos anos 70 ele reinicia suas atividades publicando: *Antropologia Sociocultural* (1972); *Problemas de Antropologia –* (1976); *Problemas e perspectivas em Antropologia* (1980); *Aspectos Antropológicos do Simbolismo* (1983); *Análise Antropológica: Estudo Teórico* (1986); *África Subsaariana, ontem e hoje* (1988); *Aracaju: Governo do Estado de Sergipe* (1988)⁵.

Felte Bezerra morre em 1990 no Rio de Janeiro, aos 80 anos de idade. Deixa como legado uma rica produção intelectual formada por: livros, artigos de revistas científicas e de jornais. O seu legado é precioso no plano da antropologia, folclore, geografia e história⁶.

É parcela deste legado que é aqui reunido. Artigos de jornais publicados pelo autor em jornais aracajuanos e que versam sobre apresentações musicais e teatrais ocorridas em Aracaju, sobre o ensino, economia, ocorrências científicas e temas da política da época.

Os originais dos artigos de Felte Bezerra aqui publicados pertencem ao acervo dos herdeiros do autor.

A edição destes artigos publicados por Felte Bezerra nos jornais de Aracaju entre 1946 e 1953 se justifica por duas razões. A primeira delas é resgatar uma parcela da produção intelectual do autor soterrada nos velhos jornais. Uma outra razão para relançar essa produção

de Felte Bezerra é disponibilizar, para um público mais amplo, uma produção intelectual do autor pouco conhecida.

As fontes aqui editadas poderão subsidiar, sobretudo, dois tipos de pesquisa. A primeira delas, estudos sobre o perfil intelectual do autor no início de sua carreira, e a segunda, estudos sobre a vida cultural de Aracaju dos anos de 1940 e 1950⁷.

Alguns aspectos são notáveis nos textos de Felte Bezerra aqui editados.

Um deles é a presença em Aracaju de grandes companhias de teatro do Brasil, como é o caso de Alma Flora, ocorrida em 24 de agosto de 1946; da companhia Milton-Vanda-Bransini ocorrida em 30 de setembro de 1948; e ainda, a apresentação da peça “*A felicidade não Espera*” dirigida pela atriz Iracema de Alencar e ocorrida em dezembro de 1951.

Também merece destaque os registros sobre a atuação da Sociedade de Cultura Artística de Sergipe fundada pelo próprio Felte Bezerra em conjunto com outros intelectuais. Essa sociedade, na época, promoveu significativos concertos musicais. Como exemplo, podemos citar as apresentações de Blanca Antony tocando Mozart e Vila Lobos, no dia 24 de agosto de 1946, e também o concerto do violonista Jacques Ripoché tocando peças de Baccherini e de Claude Debussy, em 02 de agosto de 1948⁸.

Ainda se destacam os concertos do pianista Lilamand realizado em 30 de novembro de 1949, e o de Arnaldo Rebello tocando Bach e Villa Lobos em 06 de outubro de 1951. Ainda cabe destacar, os concertos de Izabel Mourão tocando Bach, Villa Lobos e Chopin, em 17 de setembro de 1951, de Ida Haendel tocando Beethoven em setembro de 1951, de Jacques Ripoché tocando Mozart e Schumann, em julho de 1951.

Vale também mencionar os recitais de Oriano de Almeida, homenageando Chopin, ocorrido em junho de 1951. Por fim, os concertos de Irany Leme tocando Bach, Chopin e Villa Lobos, em maio de 1951 e a apresentação do violinista Hermann, tocando peças de Mozart e Corelli em 01 de abril de 1953.

Um outro destaque no conjunto dos textos aqui reunidos, é a homenagem de Felte Bezerra ao grande músico Italiano Guiuseppe Verdi, por ocasião do cinquentenário da morte do artista, em março de 1951. Também mereceu atenção de Felte Bezerra, a apresentação do grupo ritmos e bailados, dirigido por Helena Andrade de Azevedo, apresentado no cinema Rio Branco, em 13 de agosto de 1950.

No campo da dança, há ainda o registro da apresentação da dançarina Dore Hoyer ocorrida no teatro Rio Branco, em 25 de agosto de 1953.

As exposições de artes plásticas também fazem parte das manifestações culturais de Aracaju registradas por Felte Bezerra. Como exemplo, se pode citar o artigo do autor sobre a II e III Exposição da Sociedade Sergipana de Fotografia. A segunda ocorrida em dezembro de 1951 e a terceira realizada em dezembro de 1952.

É ainda notável o texto de Felte Bezerra sobre a realização de conferências científicas em Aracaju. Como exemplo, podemos citar o artigo sobre a palestra do professor Michel Simon no Colégio Estadual de Sergipe, realizada em 29 de março de 1948⁹.

Também merece menção, um texto de Felte Bezerra sobre a 2ª Guerra mundial, e outro falando sobre a Atlântida. Outros textos de Felte Bezerra que merecem relevo é o artigo sobre a passagem de um cometa avistado no Brasil, em 19 de novembro de 1948, um outro sobre a ocorrência do eclipse lunar, em abril de 1949, e, por fim, um artigo sobre as reservas Florestais no Brasil, publicado em março de 1951.

No conjunto dos textos, aqui reunidos, se destacam também as entrevistas concedidas por Felte Bezerra. Numa delas, datada de 17 de agosto de 1946, e intitulada A federalização do ensino, o autor aborda a valorização profissional do docente¹⁰.

Em uma outra, concedida em 17 de agosto de 1950 e publicada no jornal diário de Sergipe, Felte Bezerra aborda a criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

Também merecem destaque no conjunto aqui reunido, os textos historiográficos de Felte Bezerra. Num deles, o autor aborda o ciclo da criação do gado em Sergipe. Num outro, fala do papel de Augusto Leite na criação e ampliação do hospital cirurgia de Aracaju. E finalmente um artigo versando sobre o folclore.

NOTAS À INTRODUÇÃO

1. DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica Maria Menezes (Org.). **Destinatário: Felte Bezerra. Cartas a um antropólogo Sergipano** (1947-59 e 1973-85). São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2009.p. 304 [p.10-64].
2. SILVA, Anna Karla de Melo. **Felte Bezerra: um quartel de atividades lítero-científicas**. São Cristóvão, SE, 2014. f.112. f. [28-69]. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, 2014.
3. BEZERRA, Felte. **Etnias sergipanas: contribuição ao seu estudo**. Aracaju: Livraria Regina, 1950. 269 p. (Coleção Estudos Sergipanos, VI).
4. BEZERRA, Felte. **Problemas de antropologia: do estruturalismo de Lévi-Strauss**. Rio de Janeiro, RJ: Gráfica Ouvidor, 1976, 239 p.
5. BEZERRA, Felte. **Antropologia sociocultural**. 2.ed. Brasília, DF: Coordenada, 1973, 406 p.
6. BEZERRA, Felte. **Imaginação, história e estórias**. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aracaju, SE: N. 28, 1979-1982, p. 47-52.
7. DANTAS, Beatriz Góis. Felte Bezerra: **Um homem fascinado pela Antropologia**. In: Tomo: Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. N. 1, junho de 1998, p. 31-45.
8. CARDOSO, Gustavo Aragão. **Felte Bezerra**. In: Revista da Academia Sergipana de Letras, nº 35, 2005, PP. 441 – 443.
9. BEZERRA, Felte. **Investigações histórico-geográficas de Sergipe**. Rio de Janeiro: Simões, 1952. 175 p.

10. OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Caminhos cruzados**: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954). São Cristóvão, SE, 2015. 319 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2015.

Textos

Texto 1

A Federalização do Ensino

Entrevista com o Professor Felte Bezerra

É assunto de alta projeção no País a federalização do ensino, medida essa que, de há muito é objeto de grande vulto no seio do professorado nacional. Realmente urge a federalização do ensino, pois só assim podemos concorrer para que a instrução, que é o que mais necessitamos para o desenvolvimento do nosso País possa realmente alcançar a meta das suas habilidades. O professor tem sido até hoje, um quase esquecido, vivendo sob as duas contingências de uma remuneração que mal lhe dá para o amargo sustento, muito principalmente nesta hora de carestia que se não mede.

Com a federalização do ensino o professorado e os ginásios terão maior assistência do Poder Público e o professor poderá com um pouco mais de sossego, no esquecer a luta perturbadora do estômago, entregar-se mais ainda de todo á nobre missão que é instruir ou semear as luzes do conhecimento da sabedoria aos que, no futuro, poderão muito concorrer para a felicidade e prosperidade nacionais.

Há dias passados focalizando tão palpitante assunto ouvimos a palavra do Prof. José Augusto da Rocha Lima. Hoje, levamos ao conhecimento dos nossos leitores a opinião do professor Felte Bezerra, também catedrático do Colégio de Sergipe e um dos batalhadores da nobre causa de Federalização de ensino em nosso país.

- Que sabe o professor a respeito da Federalização do ensino?

- Deixamos uma de nossas aulas, após o soar da campainha, quando o Sr. Diretor nos chamou ao seu gabinete, para mostrar o telegrama que havia recebido do Colégio de Alagoas, sobre o movimento da federalização do ensino. Sugerimos-lhe incontinentemente que a resposta ao apelo de adesão ao movimento, fosse dada pelo nosso Colégio e, a seu pedido, redigimos um telegrama que, ad. *referendum* da congregação, foi transmitido ao congênere Estabelecimento de

Maceió. Passou a notícia, assim em primeira mão, aos colegas José Augusto, Franco Freire e Gentil Tavares, que encontrei na sala de professores, ao retirar-me da diretoria. No dia seguinte verificou-se a congregação da casa, que tomou conhecimento, oficialmente, do assunto e aprovou o telegrama do dia anterior. Debatida a matéria, ficou constituída uma comissão de três dos nossos colegas, prof. José Augusto, Napoleão Dorea e José Olinó Neto, para entrar em contato com os constituintes sergipanos em visita pessoal aos que aqui se achavam, e por telegrama os que se encontravam no Rio de Janeiro. Nossa adesão ao movimento foi, pois franca e unanime, pois todos compreendemos a necessidade da federalização do ensino, do ensino em geral, em todos os seus graus, que seria ideal. Instrução federalizada e gratuita, absolutamente gratuita, e ainda garantia de livros baratos, livros didáticos tabelados, afim de que a oportunidade de subir pelo mérito pessoal seja, realmente, igual para todos.

Poderia dar-nos as suas impressões sobre o assunto?

- Para começar, todavia, o atual movimento pretende a federalização de ginásios oficiais do País. São, creio, em numero de 52, pois todas as capitais os possuem e os estados de grande população como Minas ou São Paulo, possuem mais um. Pretende-se a federalização da parte administrativa, por que em verdade somos federalizados em tudo mais. Nossos deveres e obrigações são, desde muito tempo os mesmos dos catedráticos do estabelecimento padrão, o Colegio Dom Pedro II, do Rio. Ingressamos no quadro dos catedráticos efetivos após satisfeita a condição *sine qua* de um concurso, em que nem sempre os candidatos conseguem levar a melhor; nossa legislação é toda federal, e para isso há um representante do Ministério da Educação em nosso estabelecimento, permanentemente. São do Pedro II os programas por onde ensinamos as obrigações do número de aulas em cada matéria, os processos de exame, etc. Falta-nos apenas uma melhor remuneração, que o Estado não nos pode oferecer, por motivos óbvios, mau grado a simpatia com que nos têm olhado alguns governos estaduais. O

professor é um eterno estudante. Os livros que precisa comprar, e compra a todo instante, são justamente os mais caros; livros técnicos, especializados, revistas, etc. Nossa equiparação aos mestres do Pedro II, portanto, constitui uma legítima aspiração, e creio firmemente em sua concretização, agora, com o presente movimento, ou mais tarde, porque só acredito em elevação do nível mental de nosso povo, em difusão cultural no Brasil, com um magistério, em todos os graus, composto de gente rigorosamente selecionada, bem paga, e com ensino gratuito, absolutamente gratuito, em todos os graus, e formação de boas bibliotecas, ao alcance da consulta dos mais estudiosos, não importa sua condição material. No mais, eu endossaria, inteiramente, a entrevista do meu eminente mestre e colega professor José Augusto. Posso, ainda, reportar-me ao Relatório que apresentei ao exmo. Interventor Federal de então, quando estive, na direção do Colégio Estadual de Sergipe, e que o Diário Oficial de 21 de fevereiro de 1942, publicou. Dizia eu naquele documento: “Os professores catedráticos deste Ateneu, sem favor, honram o magistério nacional. Cultos e eficientes, zelosos no cumprimento de suas obrigações... mestres abnegados, concios de suas responsabilidades, que se preocupam com o rendimento de suas cadeiras, que acompanham o evoluir da pedagogia moderna, que fomentam, entre os alunos, o gosto pelos estudos e pela cultura geral. É lamentável que circunstâncias especiais, que nos dispensamos de comentar, por serem sobejamente conhecidas por v. Excia., obriguem esses professores, aqui parcamente remunerados, a se entregarem a outras atividades, como professores em outros colégios ou profissionais liberais, em visível detrimento do ensino na Casa”. Quatro anos decorridos, confirmo inteiramente essas palavras, pois, se a nossa Congregação tem perdido elementos de alto valor, como os mestres falecidos nos últimos anos, tem adquirido, por outro lado, ótimos elementos, muitos vindo do seio de nossos colegas contratados, onde há gente capaz, por todos os títulos, de pertencer ao nosso quadro.

Correio de Aracaju, Aracaju, 17 de agosto de 1946.

Texto 2

O concerto de Blanca Antony

Marcou interessante nota de arte o concerto da soprano ligeiro Blanca Antony.

Voz sonora e delicada, apresenta, ao mesmo tempo, uma firmeza de tons, especialmente nas notas médias, que a artista, inteligentemente, fez constituir a base das musicas de seu programa.

Como soprano ligeiro, não se poderia exigir uma maior elasticidade de voz, sendo, pois, compreensível que não existiam os baixos de peito e os agudíssimos, na plenitude de seu canto.

Apreciamos, sobremaneira, “O luar da terra”, de Alberto Costa, talvez o melhor número de seu programa de ontem. Esteve muito boa, também na “Alleluia”, de Mozart assim como muito expressiva nos cantos de nosso “folk-lore” estilizado com as músicas de Villas Lobos, Brandão e Mignone, tão do sabor do nosso público.

Em “A casinha pequenina” de Braga, encantou pelo corretismo com que fez a interpretação da conhecida e querida música. Notamos, apenas, que a “Impatience” de Schubert, resentiu-se de mais vivacidade.

Por fim, surpreendeu-nos em seu número final, extra, com o “Um bel di Vedremo”, da “Butterfly” de Puccini, ares muito conhecida e em que se saiu satisfatoriamente.

Pena é que não tivesse dado a fermata final da área.

Assim preencheu a lacuna que seu programa indicava. Como soprano ligeiro, poderia ter nos deleitado com outros trechos de óperas, que certamente teria executado com perfeição, como a “Uma voce poco fa”, do “Barbeiro” de Rosini, ou o “Caro nome” do Rigoletto, de Verdi.

A casa, literalmente cheia, foi um atestado do gosto artístico de nosso público, merecendo reparo, apenas, a insistência com que pediram “bis” em vários números, o que é

profundamente desaconselhavel em recitais de cantores de linha, porque obriga o artista a esforço exagerado.

Cobriu-se, portanto de êxito o concerto da apreciada cantora patrícia Blanca Antony, que nos causou excelente impressão.

O acompanhamento da prof^a. Nadir Parente esteve impecável.

F. B.

Correio de Aracaju, Aracaju, 24 de agosto de 1946.

Texto 3

Critica de teatro

Estreou ante-ontem, no Rio Branco, em primeira récita de assinatura, a compainha de comédias Alma Flora, sob a direção de Salu de Carvalho, com a peça de Dartes e Damél, em adaptação de Armando Louzada, “Sertão Homens Amanhã...”

Com a recente exibição do filme argentino, sob o mesmo tema, “Os filhos Mandam”, no cinema Rex, o publico estava perfeitamente lembrado do argumento, e por isso não sabem, talvez, os da campanha, o risco que teriam corrido, em um mau desempenho. Mas não, o trabalho de estreia esteve excelente, e quem a ele assistiu ficou de logo convencido de que, mais uma vez, Salu Carvalho e Alma Flora obterão ótimo êxito, em sua nova temporada nesta capital.

A comédia está bem lançada, e o conjunto é harmonioso no desempenho de seus papéis. A peça são os dois últimos atos. O primeiro nada tem, quase; é a preparação do que vai ocorrer nos atos seguintes.

Salu Carvalho, é, incontestavelmente, um grande artista. Representa com a mais absoluta naturalidade o velho Hermenegildo, o vovô para fazer mimo aos netinhos. Agrada no tom de voz, nos aspectos fisionômicos, nos gestos adequados e sem exageros. Não seria possível fazer melhor do que ele fez, ante-ontem. Alma Flora continua magnífica. Modificada, mas para melhor. Lembro-me dos gestos largos e atitudes desenvoltas, de vampiro, com que a apreciei, pela primeira vez, no palco do velho Jandala da Bahia, em 1932. No papel de Cristina, estava excelente. A cena quase ao fim do segundo ato, em que ela consegue dar o brilho do choro aos olhos, foi perfeita. A plateia está perdoada por haver interrompido a representação com aplausos, pois foram sobejamente merecidos. A querida atriz permanece sem aquela grandeza de porte, que sempre possuiu, conservando-se em cena inteiramente senhora do papel que está a desempenhar. E ótima quando, afinal, começa a gostar dos velhos

e a rir com os mimos deles ao seus filhos. Vina de Souza também está uma perfeita velhota, nos gestos, nas maneiras naturais e, sobretudo, naquelas discussões com o marido. Ótimas cenas, aqueles diálogos, em que fica patente que restingam bastante mas se querem muito e são bem casados...

Surge-nos um novo artista, o galã cômico Milton Carneiro, que, no papel de Oscar, esteve bem á altura do valor e do talento de Alma Flora. Vê-se que é um rapaz moço, mas já artista completo. Estava inteiramente senhor no papel e muito seguro no desempenho. Talvez nem todos tenham compreendido suas cenas de comediante, mas é preciso que se lembrem de que se trata de galã cômico, gênero que consideramos mais difícil do que o dos galãs comuns, simplesmente apaixonados e românticos. Ele se saiu tão bem nas cenas sérias como nas grotescas. Sustentou muito bem os diálogos com Alma Flora, em todas as oportunidades, especialmente na parte final do segundo ato. Dispensaríamos, apenas, a repetição demasiada de “Ela tem um medo de mim, não é?”.

Sem quebrar a harmonia do conjunto, pode-se afirmar que o papel mais fraco foi o de João Silva. Ainda conserva aqueles “gestos de mol” da velha escola dramática, que de há muito foram substituídos pela naturalidade de atitudes e maneiras, no teatro moderno. Ele, no entanto, é esforçado. Estava senhor do papel e não prejudicou, absolutamente, a representação. Talvez tenhamos que aplaudi-lo muito em novos papeis, em que se sinta mais dentro do seu gênero de desempenho.

A “ponta de Sebastiana”, feita por Lourdes Monteline, está bom. Parece que promete. Precisa tremer menos, no seu pavor ao pretense louco. As “crianças” estiveram regulares, menos a “travestia” que é sempre papel desagradável para o público.

Enfim, foi felicíssima a escolha da peça de estreia da Companhia Alma Flora, que agradou imensamente, e á qual a plateia exigente de Aracaju, não regateou aplausos.

F. B.

Sergipe Jornal, Aracaju, 06 de setembro de 1946.

Texto 4

Critica de Teatro

Em a mulher para inglês ver, a companhia de comédias Alma Flora deu-nos possivelmente, a pior de suas peças.

Olra francesa, esperávamos nela encontrar um agradável “vaudevilles”, com as embaraçosas situações de “aqui pro quo”, que tanto fazem rir. Nada disso: argumento fraco, sem nenhum papel de importância, a que nem a habitual impertubabilidade de Salu, nem o extremo esforço de Alma Flora, que chegou ao exagero em certas passagens, conseguiram salvar.

Em flagrante contraste, tivemos ontem, na 3^o. Récita de assinatura “Filhos de Ninguém” de Eurico Silva, trecho interessante e bem escrito urdido com lógica e sequencia, o que atesta a capacidade do autor. Um magnífico trabalho conjunto e um inexcedível desempenho do notável, artista que é Arnaldo Coutinho. Ele absorveu toda peça, cuja principal figura é, realmente, a que encarnou. Seu desempenho foi perfeito. Todas as atitudes que tomava nas diferentes circunstancias, eram naturais, espontâneas e de uma fidelidade impar. Excelentes risadas, quando participa a d. Joana o que se passava com o velho Caetano.

Esteve excepcional na cena do fim, no entendimento com o irmão comendador. Se rira bem antes, agora chorou impecavelmente, para conseguir uma coisa difícil no palco a emoção da plateia. Quando o publico sintoniza com a emoção da cena é porque se esquece de que vê é apenas representação, e tal efeito na assistência só o conseguem os bons artistas. Arnaldo Coutinho é, possivelmente, um grande artista, simples e eficientíssimo, na correção e propriedade do seu jogo em cena.

Alma Flora saiu-se bem, como de costume. É senhora do palco e dos papeis que executa. Como os sabe muito bem, elimina o ritmo das frases fornecida pelo ponto, para lhes dar feição própria.

João Silva melhorou muito, em cotejo com seu desempenho em “Os filhos mandam”. Esteve a altura do papel de comendador; contudo, não suportou a cena final de entendimento entre os dois irmãos, onde o desequilíbrio entre ele e Arnaldo Coutinho foi patente. Todavia, sua interpretação foi francamente satisfatória.

Vina de Souza sempre segura. Em papéis assim vai melhor do que nas caricatas, como em “Gente honesta”, embora se saia bem de qualquer maneira.

Salu é notável; mais ontem não teve, quase, o que fazer, e muito menos Milton Carneiro.

Edmundo Lopes é um bom galã romântico. Superior, palpavelmente, aquele Vilão, da Companhia Eva Tudor, que gorava de tanta “réciame” no Rio, em 1944.

As meninas Elizabeth Lira e Carmem Silva é que precisam sedimentar sua atuação no palco. Ainda se apoiam muito no ponto, com um cuja mínima falha estão perdidas, e prejudicam as cenas com a deficiência de expressão fisionômica e a entoação de voz de quem recita versos em teatro de amadores. Carmem teria “matado” “Mulher para inglês ver”, se esta peça não fosse tão ruim.

F. B.

Sergipe jornal, Aracaju, 10 de setembro de 1946.

Texto 5

Crítica de Teatro

A companhia Alma Flora concluiu, ontem, as récitas de assinatura, ao presentear-nos com a mimosa peça “Quero Ser Feliz”.

É uma dessas comédias interessantes, escrita com aquela “finesse” em magníficos diálogos, em que Coutinho e Alma Flora falam através de bonecos.

Alma Flora teve ótima interpretação, muito especialmente no primeiro ato, onde a entoação da voz e as atitudes bem traduziram a meiguice e afeto, espiritualidade e recato, da personagem que encarnava. Esteve irrepreensível naquelas cenas. Seguiu-se o segundo ato. Onde teve ensejo de bem desincumbir-se de coisa não muito fácil, fingir em cena.

É preciso forçar as maneiras, sem descambar para o exagero, e ela o fez com felicidade.

Edmundo Lopes teve sua oportunidade, já que lhe coube o principal papel masculino. Representou satisfatoriamente, boas atitudes, fisionomias e gestos adequados. Notamos, apenas, que poderia ter alcançado efeitos idênticos aos que obteve, ou ainda melhores, se falasse um pouquinho mais pausado, nas alterações que sustentou com Alma.

Salu Carvalho esteve esplendido como tio Ferney. Sua caracterização, que é sempre perfeita, ontem esteve notável. Ele não esquece um só gesto ou postura. Até o piscar dos olhos, na ocasião oportuna; assim, o tom de voz de velho, sem excesso de tremor, mas que, escutado por quem não estivesse olhando, revelaria logo tratar-se de um homem idoso; e aquele seu “suisque” português dá graça especial aos papeis que vem representando. Que excelentes cenas, as do entendimento entre ele e a sobrinha, ao fim do segundo ato. O ditar da carta, onde o cansaço mental levou-o a extravasar os próprios pensamentos, está magnífico. A naturalidade com que substituiu o gênero de um adjetivo, se era por ela que ele falava...

Arnaldo Coutinho bom como sempre. Natural, naturalíssimo, na gesticulação, no modo de falar e, sobretudo, no modo de rir. Ninguém ri com maior espontaneidade em cena do que ele, é custoso acreditar-se que o riso não seja natural.

Vina de Souza, tendo pouco o que fazer, saiu-se bem, como de costume, o mesmo se verificando com Milton Carneiro.

José Silva agrada em papéis como o de ontem, do gênero do desempenho em “Gente honesta”.

Carmem Silva começou otimamente! Pena é que perdesse o tom de voz que parecia ter adquirido nas primeiras frases proferidas. Eliza betin Lira não foi feliz ontem. Acreditamos que, na preocupação de ouvir o ponto, esteve muito parada na cena e acabou exagerando, dando fumaçadas longas e cheias de mais. Necessita cultivar maior riqueza de atitudes e boa entoação de voz, para fugir aos recitativos.

Sentimos, no decorrer da peça, a perda de algumas palavras isoladas, com os principais artistas, que foram habilmente substituídas, ou melhor retiradas, sem qualquer prejuízo do entredo, sem que eles nem de leve se perturbariam.

Em suma, “Quero Ser Feliz” forma, com “Um Beijo na Face”, entre as peças, a gênero, do repertório da companhia.

F. B.

Sergipe jornal, Aracaju, 17 de setembro de 1946.

Texto 6

Rotary Club

Palestra proferida pelo rotariano Felte Bezerra na reunião de 13 de novembro

Ninguém desconhece os grandes esforços e elevados propósitos em que se encontravam as nações, neste período de pós-guerra, para a obtenção de uma paz duradoura.

Não constitue novidade a ideia. Após a 1ª Guerra Mundial, o presidente Wilson, dos EE. UU. Lançara as bases da Liga das Nações, que deveria controlar de então em diante, a paz entre os povos livres do mundo, Falhara, porém, o intento, na decorrência de acontecimentos por todos conhecidos.

Agora, sob outras roupagens e diretrizes mais amplas, ressurgiu o sonho de nova sociedade internacional, com a criação da Organização das Nações Unidas, que se propõe a manter e assegurar a paz mundial, através de seus diferentes Departamentos. O Conselho de Segurança destina-se a tomar medida repressiva que, pela força, seja capaz de sufocar tentativas de agressão entre países. É, ainda, um caminho primitivo e incerto que por si só não lograria os fins desejados; é, afinal de contas, um policiamento internacional, demonstrativo de que os povos ainda não se compenetraram da necessidade, útil a todos, de estabelecerem entre si marcos divisórios de direito e de justiça, na execução de um respeito mutuo.

Não é somente, porém, no terreno político que a Organização da Nações Unidas deve atuar, afim de conseguir sua plena eficiência. Há um campo bem maior, muito mais vasto no qual tentar-se-á um permanente entendimento entre as nações: o campo da ideia e do pensamento. Se esse objetivo for alcançado, então a paz reinará no mundo, porque ela será o resultado certo da harmonia e da compreensão entre os povos. Não devemos desanimar ante as dificuldades e obstáculos que parecem levantar-se á consecução da paz duradoura.

Ainda há caminhos, talvez longos, mas possivelmente seguros, para atingirmos o alvo.

Como os homens insuladamente, podemos dizer as nações, conjuntos de indivíduos que pensam, têm mais mentalidade. É o ajuste dessas mentalidades díspares que se faz preciso, como condição *sine qua* para a instalação de uma nova era, de entendimento entre os povos.

Eis o a que se propõe, em última instância, a Organização Cultural, Científica e Educativa das Nações Unidas. Não seria possível programa mais belo e mais humano do que este, de estabelecer e solidificar a harmonia e o respeito mútuo entre os países, pela análise interpretativa que cada um deverá fazer dos demais, tendo em vista entender melhor as modalidades culturais dos agrupamentos humanos e acomodar um sistema de vida internacional que se conserve em equilíbrio.

O mundo já se capacitou de que há matérias que não pertence a nações exclusivas, que não são privilégio de um país único, mas, ao oposto, constituem esfera de ação combinada, pela contribuição de muitos a uma só finalidade. Ninguém há de negar á ciência, por exemplo, a sua condição internacional. Ela não tem fronteiras, não escolhe a nenhum povo como eleito, não dispensa, caprichosamente, qualquer participação, vinda de onde quer que seja, nem tão pouco serve com exclusividade pois que toda humanidade beneficia, por igual, dos inventos e descobrimentos científicos. Parece que é o dedo de Deus, mostrar aos homens que eles são irmãos e não são postos aqui para se odiarem. Mas nós só nos lembramos isso em horas bem difíceis e amargas para, passado o perigo, voltarmos a uma filosofia de egoísmo e de rancor por um comportamento destituído, *in totum*, de ética e da mais simples renúncia. Todavia, não estará tão distante assim a concórdia definitiva e estável; e a estrada que tivemos que trilhar para chegarmos até lá, é a da boa vontade entre os homens. É preciso que, ás novas gerações se explique a necessidade e a vantagem de uma paz eterna, em que todos só teriam a lucrar; que há, para todos, um lugar ao sol; que a felicidade na terra tem de ser obra e esforço conjunto pela cooperação honesta dos cidadãos. É indispensável que, em todas as nações, juventudes sejam educadas num sentido elevado, e que a elas se revele que o direito dos

povos, como o dos indivíduos humanos, é sagrada e inviolável; que cada um se norteará como melhor lhe parecer, sendo-lhes, no entanto, vedado a intromissão nos negócios e sistemas de vida escolhidos e exercidos pelas outras nações. Desta maneira, respeitada, porque compreendida, a auto-determinação de cada país, usemos de lealdade e franqueza nas soluções das pendências, sem embustes e sem desmedidas ambições.

Neste sentido, evidencia-se o papel da escola, de modo a que a mocidade seja orientada em novos princípios. Isso não exclui o sadio nacionalismo, em que se exaltam as qualidades do país, o culto de seu passado, suas tradições e sua história, para gravar na consciência dos novos cidadãos o interesse pela pátria, pelo regime adotado e pela manutenção das leis. O perigo, que pode ser facilmente afastado, estaria, unicamente, na hipertrofia de um nacionalismo mal entendido, tal como nos tem mostrado a história da humanidade, e que culminou com as recentes e grotescas ditaduras nazistas, liquidadas militarmente nos campos de batalha da segunda grande guerra mundial.

O custo e o sacrifício que está vitória nos impôs, no entanto, deverá ter sido suficiente para levar os povos a um melhor raciocínio, em que, pela fé e pela confiança, os homens venham finalmente, a se entenderem e respeitarem.

Correio de Aracaju, Aracaju, 28 de novembro de 1946.

Texto 7

Recepção ao Prof. Michel Simon, no Colégio Estadual de Sergipe

A credencial de intérprete desta egrégia congregação nos é conferida por uma autoridade de herança.

Personificamos a terceira geração que se assenta nesta assembleia, e isso vos dará, de logo, um testemunho de tradição e um sabor de perpetuidade, como que a traduzir o elevado entendimento em que vos temos, ao reconhecermos em vós um lídimo representante da suntuosa escola francesa, clássica e eterna, que tem dado ao mundo, e especialmente ao nosso país, os resplendorosos benéficos de uma cultura multissecular, poliforma, cheia de loiros e pródiga de valores, mas que, sobretudo, se há caracterizado sempre por um traço marcante de gênio. Nem a ela tem faltado, às vezes, para completar esse aspecto, a pincelada tênue de um certo humor de displicência, que exprime também desambição, no deixar que outros concluam e corporifiquem as centelhas que brotam de vossos cérebros criadores.

Em verdade, não deveis pensar, aqui, em vos sentirdes um estranho. Há, entre os nossos povos, uma afinidade cultural indestrutível, que assenta na mesma origem da língua e na assimilação integral que temos feito, por tempo incontável, dos vossos ensinamentos, São gerações seguidas, como a nossa própria, que beberam o saber de tão grandiosa, perene e inesgotável fonte de conhecimentos.

É a vez de dirigir-vos a palavra, o filho de alguém que, nesta província, se arrojou a mestre de vossa língua, menos por presunção de competência do que por homenagem ao amor que lhe inspirou o estudo de vossa pátria. Assim, deste pequenino, nos acostumamos ao virtual convívio dos fatos e das coisas da França, para quem se tornou em nós uma segunda natureza, o hábito de carinhosa admiração e estima. Esta a circunstância que explica a honrosa outorga que, neste ensejo, nos é cometida.

Recordamos, em longa visão retrospectiva, os primeiros passos na prosódia de vosso formoso idioma, ou, bem mais tarde, as aflições dos desalentadores dias de 1940, quando jamais em nós esteve perdida a fé na ressurreição. Em tão longo intervalo revemos a efervescência revolucionária de 89, ou canto patriótico de Roget de l'Isle; a morte estoica do cavaleiro d'Assas; a fidalguia dos que iam ao combate em trajes de sêda; as joias das damas aristocráticas para o resgate imediato do desastre de Sedan: a bravura da juventude de Sint-Cyr ceifada em quatorze; Paris salva na batalha do Marne. Só uma desmesurada tela poderia conter o espírito da França, que reponta, em toda exuberância, na personalidade e celebração de tantos expoentes. Nela far-se-ia que a palavra é bem a expressão do pensamento, com ETONTAIGNE, VOLTAIRE e MONTESQUIEU; que toda cultura exige uma base de classissismo, com a tragédia de CORNELLE, a comédia de MOLIERE e a psicologia de LA FONTAINE; que o realismo vem com FLAUBERT e BALZAC, o romantismo com CHAPEAUBRIAND, LAMARTINE e HUGO; que há marcos de ciência com LAVOISIER e PASTEUR, DESCARTE e PASCAL; a arte reponta na pintura de DELACROIX, POUSIN ou MANET, como na música de GOUNOD, BIZET, DEBUSSY e RAVEL. Seria interminável a evocação. Perdoai-nos o fastio com que falamos, só para dizer-vos o quanto vos conhecemos, o quanto vos entendemos, o quanto vos sentimos neste contacto de centúrias a fio.

Ao palmilhar do caminho, foi-nos dado aprender como a finura de atitude, o heroísmo de ação, a lhaneza de trato, a clareza de exposição, a sensibilidade do gesto, a autoridade do saber, caracterizam a alma da França imortal.

Falar-vos da maravilhosa grandeza de vossas cenas históricas, que se agitaram por séculos em fora, em épicos lances e descomunais realizações, e que deram aos outros povos muitos e seguidos exemplos de inteligência e cavalheirismo, ser-vos-á, por sem dúvida, quase

exaustivo haverá para vossa pátria a forte convicção de que, tendo ensinado ao mundo, todo ele a reconhece e de sobejo a proclama como paradigma das grandes sociedades humanas.

Desde a origem, a história da Nação Brasileira sente a influência de vossa gente; e de tão cedo que ainda sofreu controvérsia e episódio de nosso descobrimento, como se fôra ação vossa, por mãos de JEAN COUSIN. De então em diante, Dieppe nos mandava os barcos de ANGO, quase que ordenadamente. Em prova de tal interesse, vos foi revelado, pelos olhos de vossos soberanos, o que seria esta nossa Terra Maravilhosa, como o testemunho de luzida comparência aquela festa brasileira de Rouen De VILLEGaignon a LA RAVARDIERE vai ininterrupta preocupação de ficardes aqui para sempre, e a prova está em RACINE, que de nossa luta anti-flamenca se ocupou, em seus Fragmentos Históricos. Inluistes, por igual, na contribuição demográfica, desde quando aqui aportaram as cinco jovens do La Rosée. E por sinal que, neste recanto brasileiro de Sergipe, vossa presença se fez bem sentir nos pródomos da sua existência, com homens ruivos da França que se entenderam harmoniosamente com os indígenas do território, em convívio capaz de ameaçar o domínio dos nossos colonizadores. Hoje, ficaram os traços fortes da gens gauleza, cuja requintada descendência tem, entre nós, servido de modelo.

Contudo, bem mais grato nos é a presença da França em nossas guerras da independência, com PEDRO LABATUT, ou na campanha paraguáia, com a dignidade de GASTÃO DE ORLEANS, que por ascendrado amor a este país, alcançara por fim, a merecida honra de comandar os nossos exércitos.

Aqui, tivemos, por todo o século XIX, uma legião de homens de vossa pátria, sábios especialistas, nas ciências, nas letras, nas artes, que deles nos ficou magnificamente trabalho de duração interrompida. E, em feliz coincidência a maior invenção brasileira seria reproduzida em vossa brilhante capital aquele deslumbrante contorno da torre Eiffel.

Impossível exigir maior grau de aproximação, nem mais bastas provas dos laços que nos estreitam. Por muito tempo a nossa cultura, filha da vossa cultura, caminhou a sombra frondosa desse manto luminoso, que nenhuma outra moderna interferência teria poderes para fincar raízes em troca das que nos destes.

É ao poder de tanto serviço e a eloquência de tanta valia, que vos, fazemos o portador das nossas homenagens ao povo e a sabedoria da Nação Francesa.

Aceitai, pois Sr. Prof. MICHEL SIMON, as saudações mais respeitosas e as boas vindas do Colégio Estadual de Sergipe.

F. B.

Sergipe jornal, Aracaju, 29 de março de 1948.

Texto 8

O Concêrto de Jacques Ripoche

A sociedade Franco Brasileira de Sergipe acaba de proporcionar ao mundo culto e artístico de Aracaju um raro espetáculo de encanto espiritual, com o concerto do notável violoncelista Jacques Ripoche.

O variado programa que nos ofereceu o insigne artista permitiu-nos o conhecimento integral de sua técnica impecável, dentro da segurança e beleza do fraseado musical, bem como da interpretação fidelíssima, de extrema sensibilidade. É tudo isso que nos revela Ripoche, com o instrumento que, em suas mãos, se torna maravilhoso. Parece inacreditável que seja possível extrair do violoncelo tanta riqueza de sonoridade e de expressão, e só um grande “virtuose” é capaz de consegui-lo.

A primeira parte do programa, que o espírito de “finesse” do organizador intitulou “A dinastia de Bach”, pareceu-nos escolhida mais com o fim de por em relevo grandes composições dos pequenos Bach, antes que do famoso Johannes Sebastian. Especialmente no “Largo”, de Phillippe Emmanuel, o grande Ripoche conquistou inteiramente o auditório, sobretudo nos graves do final da peça.

A seguir, a exuberância de sentimento se apresenta na “Sonata em La Maior”, belíssima composição de Boccherini, magistralmente interpretada. Acreditamos que, para um público nem tanto familiarizado com certos tipos de música de câmara, poderão ter parecido exóticos os números 3 e 4 do concerto. O artista mostrou nos compositores assaz conhecidos, em temas diferentes daqueles que marcam seus estilos habituais. Principalmente “Sonata em Ré”, de Claude Debussy, que mais parece a justaposição de temas curtos, aparentemente dissociados. Não esconde, todavia, o cunho impressionista, que é a característica fundamental do clássico compositor francês.

Vem depois o número de Brown, indisfarçadamente calcado na música tradicional norte americana, magnificamente estilizada, e cujo friso melódico a torna extraordinariamente agradável. Da oportunidade a que o menor alcance apanhe a pureza e sonoridade excepcionais que Ripoché é capaz de obter, em seu inteiro domínio do instrumento.

A parte final do programa se constitui de peças leves, onde a vivacidade se exterioriza nas “coyscas”, de Granados, ou na “Dança do Diabo Verde”, de Cassado, e sinos na “Habanera”, onde só o acompanhamento nos deixa entrever o motivo que inspirou o gênio indisciplinado de Ravel.

Por cortesia, o jovem e grande Ripoché deu a plateia ensejo de aferir-lhe o valor musical, com o conhecidíssimo “Cisne” de Sainte Sãens.

Jacques Ripoché é, em verdade, um perfeito musicista tão grandioso e impecável, tanto nos pianísimos como nos fortísimos. É, incontestavelmente, um grande intérprete de sua arte. Senhor de todos os segredos do cremons, onde é admirável a agilidade e precisão da mão esquerda.

Merece menção honrosa o acompanhante Orto Jordan, que por vezes nos ofereceu excelente “background” da paisagem musical,

Com a audição de Jacques Ripoché, a Sociedade Franco Brasileira está definitivamente consagrada entre nós.

F. B.

Sergipe jornal, Aracaju, 02 de agosto de 1948

Texto 9

Folk-lore

Felte Bezerra

A 22 de Agosto de 1848, o etnólogo inglês WILLIAM JOHN THOMS, sob o pseudônimo de Ambrosia Marton, dirigiu uma carta ao The Atheneum, de Londres, qua a publicou em seu número 982 daquela data.

Nesse documento, o etnólogo britânico empregou, pela primeira vez, a expressão folk lore, para significar a sabedoria popular, o saber tradicional do povo. Serviu-se desse modo, de uma palavra composta de duas outras, ambas de origem anglo-saxônica, cujo sentido seria, mais precisamente, a ciência (ou conhecimento, portanto, sabedoria) do povo.

W. J. Thoms invocou para si a “honra de haver introduzido a denominação folk lore” na linguagem litero científica, “assim como DISRAELI havia introduzido father land” (tradução de vanderland) na literatura inglêsa.

Esta a origem de expressão universalmente usada, para indicar o conhecimento haurido das gentes de um país ou região, através de suas manifestações e formas tradicionais de costumes, modos de vida, lendas, crenças, etc, estereotipadas na linguagem popular, na alimentação, nos ornamentos, nos sentimentos de arte e de trabalho.

A coleta do farto material que se destina á interpretação folclórica é extremamente trabalhosa e demanda tempo, paciência e, sobretudo, contacto demorado e constante com as populações das quais se tenciona adquirir o conhecimento de sua riqueza folclórica.

Ramo científico muito em voga hoje, é cuidado em todos os países civilizados, por mãos de sociólogos, antropólogos, literatos e historiadores. Parece que sua origem remonta ao estudo da mitologia germânica na Alemanha, e seu amplo desenvolvimento, como investigação de “antiguidades populares”, se verificou na Inglaterra.

Atualmente os países que mais se dedicam a esses estudos são, entre outros, a Suécia e o Eire (Irlanda), assim como os Estados Unidos, a Alemanha, a Argentina, etc.

A coleta de dados em diferentes setores criou expressões com folk literatura e folk tale. O material avolumou-se de tal jeito que foi necessário estabelecer sua classificação folclórica. Outras e muitas á primeira se seguiram, por exigência da vastidão dos campos de estudo.

Parece que, presentemente, a classificação mais aceita e divulgada é a de RALPH STEELE BOGGS, que abrange outras de menos amplitudes, como as de STITH THOMPSON, A. TAYLOR, R. LEHMANN, FELIX COLUCCIO, ETC.

A orientação do professor BOGGS compreende, resumidamente, os seguintes itens:

Mitologia, lendas e tradições

Dramas populares

Artes, ofícios, vestes, ornamentos

Comidas e bebidas

Crenças, magia, medicina

Linguagem popular, provérbios e enigmas

No Brasil, pretende-se agora a coordenação e uniformização dos estudos folclóricos, através da Comissão Nacional do Folclore do (C. N. F. I.), órgão do Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura (I. B. E. C. C) que tem sede no Rio de Janeiro, dispõe de submissões estaduais e congrega homens de letras de real evidência, tais sejam SILVIO JULIO, LUIZ CAMARA CASCUDO, ARTHUR RAMOS, RENATO ALMEIDA, LINDOLFO GOMES, ALCEU ARAUJO, JOAQUIM RIBEIRO, CECILIA MEIRELLES e tantos outros.

Sergipe possuiu, também, seus autorizados pesquisadores, que enriqueceram o folclore nacional e iniciaram a coleta e interpretação do material sergipano: SILVIO ROMERO, JOÃO RIBEIRO, CLODOMIR SILVA e PRADO SAMPAIO. Este trabalho é hoje

continuado por grupo de investigadores do nosso ilustre prof. JOSÉ CALASANS, o mais credenciado pesquisador e conhecedor de nossas sobrevivências folclóricas.

Diário de Sergipe, Aracaju, 25 de Agosto de 1948.

Texto 10

Teatro Novo

A companhia Milton-Vanda-Brasini acaba de nos apresentar um teatro novo.

A peça escolhida para estreia, especialmente para o público de Aracaju, segundo declaração previamente feita, esteve, inegavelmente, dentro dos moldes de nossos gostos e preferências locais. Com o primeiro ato que nada mais é do que o preparo do entrecho, desenvolve-se satisfatoriamente nos outros dois, onde os atores têm o necessário ensejo de se revelarem.

O argumento é bem escrito e Mario Brasini foi muito feliz na tradução. Nele existem passagens pitorescas, de fina ironia umas, de alta sensibilidade que outras. Mas o que bem o caracteriza são os contrastes de espírito e de situação mental vivida pelas personagens, que enriquecem e embelezam cenas como as do segundo ato. As esferas de pensamento bem diversas, dos papéis encarnados pelos três principais artistas da companhia, se têm de ajustar através da experiência e da consciência científica daquele psiquiatra pilhérico, aparentemente superficial, mas realmente conhecedor das profundezas da alma humana. É ele quem, corajosamente, e ainda confiantemente, consegue a transigência daquele filho amante e amado, para o agradável desfecho final.

Há divagações e conceitos interessantíssimos, escritos com muita inteligência e proferidos pelo poeta, de um lado, e o jovem Conrado, do outro. Um assunto delicado, realista, tratado por mãos extremamente hábeis, dentro de uma elegância sem par.

Teve, pois, razão. Mário Brasini, em sua fala prévia, ao predispor-nos á compreensão da tese de “Um raio de sol”, através de sutilezas bem focalizadas pelo conjunto homogêneo que ante ontem estreou no palco do Rio Branco.

Um teatro sem ponto será um novo rumo para a arte da representação no palco.

O artista tem que viver a personagem que encarna, sentindo-se de tal modo que expresse com suas próprias palavras. Se o teatro vai evolver nesse sentido, não será qualquer pessoa que poderá dedicar á grande arte sem o perigo de fracasso, senão aqueles que levem para a ribalta um certo lastro cultural para garantia de seu triunfo, tal como acontece a Mario Brasini e Milton Carneiro, atores, autores e tradutores de peças teatrais. E seus companheiros terão sido, sem dúvida, cuidadosamente escolhidos, dentro deste novo e elevado critério por eles tomado, a exemplo do moderno caminho instalado pelo Teatro de Estudantes nas metrópoles carioca e paulista naquela portentosa representação do Hamlet.

Nossos aplausos, pois o teatro moderno, educativo, limpo, que, ao apresentar o realismo cru da vida humana, tenta fornecer ás multidões que a ele assistem armas puras e eficientes com que impedir malefícios.

Teatro que eleva, que constrói, que edifica, para sobretudo dignifica a arte e o artista. É nesta acepção que o chamamos de teatro novo.

Diário de Sergipe, Aracaju, 25 de setembro de 1948.

Texto 11

Brasini-Vanda-Milton

A companhia de comédias que ora nos visita teve ante, ontem, um novo ponto alto de seu repertório.

MARIO BRASINI é um grande artista e tornou-se a figura central da peça. A tradução que fez, do argumento, se reveste daquela mesma propriedade e elegância da peça de estreia, consegue assim, a difícil tarefa de transferir para outra língua uma história atual, que se aplica a qualquer povo. E ele o fez com toda felicidade. Vence esse imenso perigo que é traduzir sem trair, sem embargo de notáveis exceções, como a versão de Porto Carrero, de Cirano de Bergerac.

O cunho característico da interpretação de BRASINI é a extrema naturalidade. Quando apela para o patético, coisa banalmente feita por muitos, apresenta recursos pessoais, que lhe são fornecidos, por certo, pelo lastro cultural de que é, sem dúvida, portador.

Esteve magistral no fim do segundo ato, na descrição da cena de batalha. Excelente, também, no diálogo com o comendador, assim como quando revela a Ana Maria sua decepção por não haver encontrado, no front interno, a solidariedade aos que morriam em combate. Digna de nota é, ainda, a cena com as duas mulheres, naquele jogo de frases mordazes em que as coloca, dentro de dois caminhos opostos. São as melhores passagens de seu perfeito desempenho.

Realmente, sem sentir e sem conhecer o valor das palavras e o significado das expressões, um ator nunca poderia, sem ponto e recitando de cór as orações, atingir aquela espantosa exaltação que se comunica e assistência, na grande cena do final do segundo ato. Repetimos que é um novo sentido que se empresta ao trabalho de palco.

VANDA LACERDA é uma boa artista. Está admirável naquela excitação e nervosismo, quando se entende com o pai, no primeiro ato. Dá a princípio até a impressão de que a personagem é uma fronteira mental. Tem ótima mobilidade de fisionomia e se comportou com justeza em todas as grandes cenas. Vive, realmente, em toda sua pureza dalma, a figura de Ana Maria.

MILTON CARNEIRO é que esteve deslocado. Não sustentou bem a alteração entre o Comendador e Roberto. Fazendo um homem de meia idade, teve gestos, atitudes e posturas não condizentes com o papel; o caminhar, por exemplo. Deficiente, também, sua caracterização. A face lisa e extremamente moça, não acompanhou o grisalho dos cabelos. Enfim, não esteve em um de seus bons dias.

Revela assinalar a inteligente propriedade com que vão sendo escolhidas as músicas das entradas.

Diário de Sergipe, Aracaju, 30 de setembro de 1948.

Texto 12

Sergipe e o ciclo de couro

Felte Bezerra

A criação de gado foi uma atividade que sempre timbrou a economia sergipana, desde os primeiros tempos de nossa existência.

Os colonos luso-baianos que para aqui se deslocaram, logo após a conquista de Cristovam de Barros, alegam, infalivelmente, em seus pedidos de terra, que trazem entre outras cousas, suas criações, além das miunças (gado, ovino e caprino).

Acompanhando o povoamento de Sergipe existe assim, em nossa história, um verdadeiro ciclo de economia pastoril. Geograficamente ele se traduz nos currais espalhados em nosso território, nos pousos e feiras que geraram núcleos de população atuais, cujos nomes indicam claramente suas origens, como em outros tantos pontos do Brasil. E aí estão campos (hoje Tobias Barreto), ou Estância, na bacia Real Piauí mas propriamente no vale do rio Real, como Curralinho ou Curral Novo, ou Ilha dos Bois, na margem sul do São Francisco, que nos pertence. Daí a função especial de ambos esses rios limites tipicamente criadores, posição que conservavam através dos tempos e que ainda mantém em nossos dias.

Desde o principio da vida da Capitania estabeleceu-se uma correlação muito íntima entre os dois elementos fundamentais de nossa economia, que desde logo aqui se instalaram: a cana e o gado. Os engenhos necessitavam da carne para alimentação e dos bois para o serviço de fabricação de açúcar. As boas pastagens locais e as reses trazidas por quantos se deslocavam para aqui vindos de Salvador ou do Recôncavo na qualidade de sesmeiros, facultaram a posição que Sergipe del Rei tomou, como manancial de carne para a subsistência das populações circunvizinhas; e nesta situação se manteve para que, já ao tempo das lutas com os

holandeses, fossemos o centro abastecedor de carne para as tropas e gente de ambos os contendores.

O acreditado historiador dos flamengos GASPAR BARLEU declara que, antes da invasão dos seus, Sergipe já possuía, pelo menos, quarenta currais de gado. Mas FELISBELO FREIRE dá muito mais que isso, cerca de quatrocentos, entre os quais os pertencente a Camarão, origem da atual cidade de Siriri (vila do Pé do Branco), durante as lutas Sergipe serviu a dois senhores, e todos ou quase todo o gado fora consumido e apreendido pelos exércitos dos dois lados: o Conde de Bagnuolo levou e destruiu umas três mil cabeças, segundo FELISBELO, enquanto BARLEU afirma que ele abatera cinco mil e levava oito mil; além de que os holandeses abateram três mil, afora o que levaram para suas fortificações. No que estão acordes os historiadores citados.

Após a retirada dos batavos, o criatório ainda constituía fonte de receita da Capitania a agora única renda existente.

É que a sangria das lutas com os invasores não lograra extinguir o gado de Sergipe. Já em 1651, apenas seis anos após a eliminação definitiva dos flamengos de nosso território, foram fornecidas à Bahia trezentas reses, e mais ainda no ano seguinte. Daí por diante, a Capitania vai sofrer sempre e de quando em quando a perda de gado, desviado para Salvador, sob pretexto de garantir a alimentação do povo e das tropas, por ocasião de um eternamente esperado ataque à capital da Colônia. O fantasma da invasão acompanhou, por muito tempo, a gente baiana, e Sergipe del Rei teria que abastecer a grande praça.

A penetração para oeste também concorreu para o estabelecimento de fazendas pastoris. Internavam-se os homens, com seus rebanhos, afim de escaparem às requisições tantos de portugueses como de holandeses, ao tempo das lutas em nosso território. Gado que vivia à solta, em criatório extensivo, feito para além da zona dos canaviais. Acolá não era preciso, nem ainda disso se cogitava, a cerca de arame para os currais. Ali por dentro, pelo alto Real,

pelo alto Vaza Barris, pelas cabeceiras do Sergipe, passavam os tangedores dos Garcia d'Avila ou seus rendeiros; e mais tarde o fracionamento dos latifúndios iria provocar querelas entre herdeiros e sesmeiros, questões que se haviam de projetar na divisão administrativa da terra.

O cuidado da Casa da Torre no apossamento do solo sergipense é indisfarçável, pelo valor das terras, próprias para o desenvolvimento e acomodação de criatório extensivo. O número dos que povoavam Sergipe, saídos de Tatuapara, já permite a expressão de criador “sergipano”, que se queria emprestar a Garcia d'Avila. “A penetração do gado em Sergipe foi, para o norte do Brasil o mesmo que a do Paraguai para a bacia do Prata. Marcava as vias de acesso e fornecia os meios de subsistência aos pastores, enquanto não completava a sua evolução como fonte econômica”, analisa J. F. de ALMEIDA PRADO.

O que foi a importância dessa atividade pastoril no interior nordestino, nos tempos coloniais, descreve-se o piedoso ANDREONI ANTONIL, em sua “Cultura e Opulência”, quando batiza o São Francisco de rio dos currais. E é bem de ver que Sergipe participou desse admirável ciclo de nossa economia colonial, dentro do mesmo quadro de devassa e posse de território, miraculosamente ocupado por poucos, em larguíssima extensão de terreno.

Confirma-se, deste modo, no caso particular de Sergipe, o que se vê no quadro brasileiro: o valor da pecuária não apenas estritamente econômico, também histórico e social, na ocupação do solo e povoamento da terra. Ajusta-se o nosso Estado, por conseguinte, no grande ciclo do couro, com os caminhos de ida e volta que forneceu aos tangedores.

Texto 13

Um cometa passa em seu Perihélio

Quem quer, neste últimos dias, haja olhado o céu, pelas 3 horas da manhã, terá visto. Do lado do oriente, uma pseudo-estrela que deixa atrás de si um rastro luminoso, como se fosse um pouco da fumaça tangida pelo vento.

Antigamente, um fenômeno dessa natureza terá produzido profunda inquietação e agitação os que dele tomassem conhecimento. Hoje, já ninguém mais ignora de que se trata. Todo mundo sabe que a falsa estrela é apenas um exemplar de certa categoria de astros do nosso sistema solar: um cometa.

Corpo celeste constituído de matéria extremamente tênue desloca-se no espaço interestrelar com extraordinária velocidade, pelo que vence inconcebíveis distâncias, pois o caminho que percorre isso é, Sua órbita, é exatamente mais alongada do que, por exemplo, as dos planetas do nosso sistema,

As dimensões de um cometa variam tanto ou mais do que sua forma. A porção da matéria mais condensada do astro, que o artifício didático denomina núcleo, pode medir centenas ou milhares de quilômetros; e o prolongamento da matéria designado como cauda cometária pode atingir milhões e até centenas de milhões de quilômetros. Esta cauda, no entanto, só existe em função do sol não tem, portanto, cauda, e pode mesmo não apresentá-la visível ao passar pelo perihélio, o que aliás não é comum. Em resumo, ela resulta da pressão luminosa que o sol exerce sobre os corpúsculos de matéria mais leve que o astro contém, de acordo com a teoria material da luz, segundo nos ensinam os astrofísicos. Tanto é assim que a cauda está sempre em oposição à estrela do nosso sistema.

Enquanto isso, a massa, ou quantidade de matéria que constitui o cometa é exígua e inteiramente desproporcional ao seu volume; daí não haver qualquer receio de que possa

perturbar a trajetória dos outros astros que encontre em seu caminho e, ao oposto, ser o corpo celeste passível de sofrer desvios, que lhe podem modificar a órbita.

Na cauda, a tenuidade da matéria, corresponderá a um vácuo superior ao alcançado em nossas máquinas pneumáticas de laboratório.

O brilho do cometa também varia bastante. Dependerá da distância sol-cometa terra, para o observador aqui colocado, porque a maior parte de sua luz PE um reflexo da luz solar. Todavia, a variação do brilho indica que deve existir, por igual, uma fonte de luz própria, uma fosforescência provocada por fenômenos elétricos, semelhantemente ao que se aprecia quando colocamos certos corpos em um tubo vazio e os bombardeamos com raios catódicos, nos gabinetes de física. E o calor do sol também atua nesse sentido sobre a matéria cometária, desintegrando-lhe os produtos mais voláteis.

A análise espectral mostra que a luz do cometa não é simplesmente a refletida do sol. É possível que seja o resultado da presença do óxido de carbono a uma pressão moderada.

A luz das caudas cometárias revela a existência de muitos corpos químicos em sua composição; e segundo a densidade desses elementos a cauda será curva ou retilínea. A do cometa que ora vemos é do segundo tipo, deve conter corpos leves, como o hidrogênio e o hélio, predominantemente.

A visibilidade dos cometas não é rara, como alguns possam supor. Nos tempos históricos, o número dos observáveis à simples vista deve ter ultrapassado os quinhentos. Evidente que, com a ajuda do telescópio, a possibilidade se torna muito maior.

Lembremos ainda que, quando um cometa passa no perihélio, ou seja, quando mais se aproxima do sol, implicitamente também mais se avizinha da terra. A distância, porém, entre o astro e a estrela sol não se reduz, habitualmente, a menos de algumas dezenas de milhão de quilômetros, talvez na metade da distância do sol à terra.

O cometa que agora observamos já deve ter sido identificado pelos observatórios; deve ter nome, provavelmente o de seu descobridor. Poderá ser periódico, isto é, dos que voltam às nossas vistas dentro de certo prazo; ou talvez nunca mais passe a relativa pouca distância da terra. Poderá sofrer completa desintegração e reduzir-se a simples poeira cósmica, que venha a participar dos enxames de estrelas cadentes que penetram a atmosfera terrestre; ou sua matéria desintegrada poderá dar lugar ao nascimento de outro ou outros cometas. Qual será o destino dele? Ninguém seria capaz de prevêê-lo.

Diário de Sergipe, Aracaju, 19 de novembro de 1948.

Texto 14

A Atlântida e as recentes pesquisas de Maurice Ewings

O professor MAURICE EWINGS, da Universidade de Colúmbia, acaba de dar à publicidade os resultados de suas pesquisas no fundo do oceano Atlântico, durante treze anos, para concluir, entre outras coisas, pela não existência de um misterioso continente que haja desaparecido por submersão nos tempos proto-homéricos.

Na verdade, o problema da existência ou não da decantada Atlântida, dos relatos de PLATÃO, através do seu Crítias, apresenta dois aspectos: o lendário e o científico. O primeiro estará, de qualquer modo, ligado ao domínio da história da humanidade, enquanto o segundo pertence ao estudo da paleogeografia.

Dentro da primeira tese, o americano HOSEA escreveu, em 1875, sobre a semelhança entre as velhas civilizações americanas (asteca, inca) e a antiga civilização egípcia, para mostrar a presença de obeliscos, pirâmides, esfinges; concepções religiosas características, como a de imigração das almas. O escritor colocou a Atlântida em uma cadeia de ilhas vulcânicas, entre os continentes banhados pelo Oceano Atlântico. O desaparecimento dessas ilhas, concluiu, incutira a lenda terrorífica no espírito dos povos, a ponto de só com a viagem de Colombo renovar-se a ligação entre o velho e o novo continente.

Em 1882, o inglês, DONNELLY publicou a obra “O Mundo Anti-Diluviano”, que então obteve grande êxito, onde afirmou que o Egito e o México foram colônias necessariamente fundadas pelos primitivos atlantes. Após uma série de considerações tecidas em defesa de seu ponto de vista, Donnelly conclui que a Atlântida foi a terra onde o homem pela primeira vez se elevou acima da barbaria; conheceu a bússola, a pólvora a indústria da sêda, a fabricação do papel, o cultivo das plantas, a astronomia, o fabrico de telhas e o trabalho de ferro; que seus reis e heróis foram cultuados depois na mitologia grega, sendo seus fastos conhecidos dos

gregos, fenícios, indús e nórdicos, através de confusa lenda. E mais, que lá residiram inicialmente os troncos étnicos arianos, semitas e outros talvez, os quais povoaram o golfo do México, o vale do Mississipi, do Amazonas, a América do Sul, bem como a Europa ocidental e as terras que cercam os mares Báltico, Negro e Cáspio. Submersa a terra por cataclismo enorme, a notícia fora transmitida por poucos indivíduos que lograram escapar, em jangadas, à fúria das águas. Outros se seguiram a Donnelly, com temerarias assertivas idênticas á dele.

O geólogo Frances LUIZ DE LAUNAY ao tecer considerações em torno da existência da Atlântida, em sua obra “La Terre as structure et son passé”, chama a atenção dos estudiosos para as similitudes que entre si apresentam a capital asteca de Montezuma e a cidade de Atlas descrita por Platão. Ainda a semelhança de vocábulos de igual significação como Teo, no México e na Grécia, para representar divindade; Atl, água presente nas palavras Atlantico e Atlas, identidade entre as ruínas de Iucatam (México) e a arte egípcia: estatuas oradas com faixas e cintas, no Egito como no México. Ele, no entanto, despreza, esta face de questão, para admitir uma Atlântida apenas do ponto de vistas da geologia.

RONALD DE CARVALHO abre a sua história da literatura Brasileira com longa notícia sobre a decantada Atlântida . Mostra que, através da própria literatura grega, verifica-se que o assunto tinha, entre eles, apologistas e opositores, mas que, de um modo geral, o povo ateniense era favorável à crença na lendária terra. Sua procura foi objeto sempre cuidado durante a Idade Média, nas tradições de vários povos, e se intensificou após a viagem do irlandês S. Brendan. GUSTAVO BARROSO, em “O Brasil na lenda e na cartografia antiga”, mostra que a Antilha, nome que preanuncia o achado de Colombo do arquipélago antilhano, não vai falar de corrotela da expressão Atlantis, a Atlântida, que enche a cartografia medieval. As pesquisas se prolongam, pelo renascimento a tempos adiante, de modo que, ainda no século XVIII armam-se expedições navegadoras para o encontro da Atlântida, jamais alcançada. E é assim que uma tal ilha Bracir, ou Brazil, ou Brasylle, etc, começa a figurar nos

mapas, desde a décima quarta centúria, em previsão do grande descobrimento ditado na América Meridional.

Em um terreno mais científico e seguro, paleontologistas como VAUGHAN, AMEGHINO, GREGORY, JORDEAUD e outros, verificaram a identidade fantástica de animais terrestres na África Ocidental, Antilhas e América do Sul, que exige a aceitação de uma ponte continental que unisse ambas as margens do Atlântico, durante a época cretácea ou até o oceano. O geólogo alemão H. VON IHERING participa deste parecer e admite o continente ponte, que denomina arquiatlante, ligando Antilhas a Marrocos, existente até o período plioceno da era cenozoica. É o quanto exige a paleontologia, a menos que se aceite a famosa doutrina de WEGNER, com seu pângea ou continente único inicial, mais tarde fraccionado.

Muitos homens de ciência tem admitido a existência da Atlântida, do ponto de vista fisiográfico, apenas. Entre eles está o erudito físico e astrônomo francês Abade THEOFILO MOREUX, que discute o assunto em sua interessante monografia “L Atalntide at elle existe?”, com argumentos astronômicos, geológicos e paleoclimáticos.

Quanto a localização do famoso território, encontra-se, entre muitas, as seguintes opiniões: RUBECK, sábio sueco, deu a Atlântida como sendo a Escandinávia; LATREILLE colocou-a na Pérsia; SYLVAIN BAILLY na Mongólia; OVIEDO E BUFFON em uma parte da América; CADET renovou a ideia antiga, das Canárias e Açores; BORY DE ST. VICENT teve a mesma opinião. Ed Le DANOIS, em sua “Histoire e Vie d’un océan” põe a Atlântida a partir da Península Ibérica, Marrocos, Mauritânia, arquipélagos a oeste de Gibraltar, estendendo-se daí até, talvez Porto Rico, nas Antilhas.

Do ponto de vista geológico, a existência e desaparecimento de uma massa de terra como a Atlântida é perfeitamente possível. A jornada submarina do Atlântico constitui uma longa linha de largura onde a menor resistência da crosta permite que ali se tenham verificado

afundamentos em larga escala, em tempos recuados. Os Açores possuem nove ilhas vulcânicas e acolá o solo é bastante instável. Navegadores já têm observado a aparição e desaparecimento rápida de pequenas ilhas naqueles arredores. O vulcanismo, que vem desde os geysers da Islandia, prossegue até os rochedos basálticos de Ascensão, sta. Helena, Gough e vulcões da Antártida. Poder-se-ia assim conceder a destruição catastrófica da Atlântida, do que nos deu pálida ideia, nos dias atuais, a submersão do delta do Indus e todo o destrito de Sindree, em 1819.

As pesquisas do prof. EWINGS revelam pegadas de animais ainda não identificados. Mas ele nega a existência da Atlântida.

Diário de Sergipe, Aracaju, 01 de Dezembro de 1948.

Texto 15

O Eclipse total da lua

Se o tempo permitir, teremos oportunidades de apreciar um dos muitos e interessantes espetáculos que a natureza nos oferece, a começar das últimas caras de hoje, até as primeiras de amanhã, dia 13 trata-se de um eclipse total da lua.

Senão hoje lua cheia, estarão os astros sol, terra e lua dispostos em linha reta, na ordem enumerada, o primeiro e o último situados em longitudes opostas ao nosso globo. Assim, a sombra que a terra projeta no espaço irá cobrir a face da lua voltada para o sol a mesma voltada para nós, o que produzirá o eclipse lunar. Seria de indagar-se por que modo não se verifica o fenômeno em cada plenilúnio. A razão é que as duas órbitas elíticas traçadas no espaço, pela terra ao girar em torno do sol e pela lua ao girar em torno da terra, não estão no mesmo plano; se assim fosse, teríamos um eclipse da lua em cada lua cheia. Mas as duas orbitas se cortam em dois pontos chamados nódus, num ângulo de cinco graus e nove minutos. Toda vez que, ao mesmo tempo que seja lua cheia, nosso satélite se aproxima sensivelmente de um dos nódus, a ocultação se dará.

Sendo a terra, iluminada pelo sol, um corpo opaco e arredondado, lança no espaço sua sombra, que terá a forma cônica, de acordo com o que nos ensina a matemática. Esse cone de sombra é revestido de um outro, denominado cone de penumbra. A lua vai seccionar o cone de sombra a uma altura em que poderiam ficar escondidas simultaneamente, por ventura não apenas uma, porém três luas juntas. Eis como se compreende que ela gaste algum tempo para dar o corte virtual na sombra da terra. Se bem que astronomia matemática possa calcular precisamente a entrada da lua, primeiramente no cone de penumbra e depois no de sombra, o fenômeno não oferece, sob este aspecto, maior, porque o observador não poderá acompanhar com a vista, rigorosamente, cada um desses instantes. Todavia, o eclipse lunar é de belos

efeitos luminosos, o que nos trás a apreciá-lo. Ao mergulhar no cone de sombra de nosso planeta, a lua não se torna inteiramente invisível como seria de esperar teoricamente. A atmosfera terrestre desempenha o papel de uma lente convergente, de referência à luz vinda do sol, que a transpôs, ao atravessarem nossa atmosfera, os raios luminosos se afetam e se difundem de tal maneira que nosso estelho fica banhado por seus efeitos; aparece-nos, então, umas diferentes tonalidades da luz solar dele composta. Dessa forma poderemos enxergá-la em tons acinzentados, amarelados, esverdeados ou azulados, mais fortes os esmaecidos, em sequencia e simultaneidade do efeito ótico; mas sobretudo ela se apresentará avermelhada, especialmente ao meio da duração do eclipse. Como se aprende em física, a retração será tanto mais acentuada quanto mais densa estiver a atmosfera terrestre na ocasião, e o que está entre a densidade é sobretudo o vapor dagua, as nuvens de chuva e secundariamente a própria poeira em suspensão. Tais elementos se encontram das camadas mais altas da atmosfera e, ao meio do eclipse, são elas que se fractaram e difundem, principalmente, a luz solar. Deste modo, a policromia existirá em função de acentuadas diferenças de densidade na massa atmosférica no momento do eclipse, o que não significa que, necessariamente, os efeitos luminosos sejam notáveis em todos os eclipses, e justifica a divergência entre os que descrevem o fenômeno. Em tais ensejos, os astrofísicos poderão calcular o valor fotogênico e químico dos raios de luz eclipsados. Para quem estivesse a superfície da lua as coisas seriam outras; haveria um eclipse total do sol e a terra seria vista envolvida por sua auréola luminosa multicolor.

Em virtude de tudo isso, poderiam sulismar que, a rigor, existam eclipses da lua, pois o satélite se conservava visível durante todas as fases do fenômeno.

Os eclipses da lua como os do sol, eram conhecidos por povos da antiguidade, tendo os caldeus chegado a determinar o período de Saros, tempo em que eles se sucedem na mesma ordem. Sem embargo, o fenômeno despertou o terror entre a maioria dos mortais, até os

princípios da idade moderna. A história está cheia de alusões a esse respeito e ninguém melhor do que Plutarco as mencionou. Apavorados ficara Nicias, o general ateniense, cujos soldados perderam muito tempo, o suficiente para que os exércitos de Sicília os vencessem. Os poucos homens de estudo que ousavam explicar como natural o fenômeno, sofreram penas incríveis. Protágoras foi exilado e Anaxágoras miraculosamente salvo por Péricles de sua condenação à morte. Em contraposição, em tempos posteriores houve quem se aproveitasse dele, em admiráveis estratégias, para conseguir os próprios objetivos, Drusus serviu-se de um eclipse da lua para, pelo terror, chamar à ordem as legiões romanas amatinadas; e todo mundo conhece a ideia posta em prática por Colombo, ao servi-se de outro desses eclipses para amedrontar os caciques ameríndios e obter a colaboração e aliança de suas tribos com os capachos.

Muitas outras considerações poderiam ser feitas em torno do fenômeno que hoje apreciamos, bem como todos aqueles situados ao hemisfério da terra em que seja noite, por ocasião da ocultação da lua. Ele é uma confirmação à redondeza da terra, cuja sombra sobre a lua nos é dado ver, e às leis da mecânica celeste, que o talento de Kepler e o gênio de Newton estabeleceram.

Para cada lugar do globo os eclipses similares não se repetem muito a miúdos: os do sol, então, só de raro em raro, os da lua são três vezes mais frequentes que os do sol. O último eclipse total da lua a que assistimos em Aracaju, verificou-se em uma noite do mês de novembro de 1998.

Diário de Sergipe, Aracaju, 12 de abril de 1949.

Texto 16
Concêrto Lilamand
BACH

A música de Bach, com que Charles Lilamand iniciou seu concerto de ontem, sugere-nos logo a profundidade e grandiosidade de verdadeira polifonia religiosa, que foi a obra maior do insigne organista de Eisenach. A grandiloquência de suas criações na música sacra estende-se também a sua música profana. Seja ela. No entanto, sagrada ou leiga, se reveste sempre daquele aspecto de musica pura, no sentido de não objetivamente descrita; a musicalidade é despida de emoção sensual, que em Bach cede caminho a um imenso fervor religioso.

Todavia, suas qualidades de compositor se evidenciam, especialmente, nas fugas, peças a que seu nome está indissolavelmente ligado. Foi uma dessas obras que Lilamand nos ofereceu em sua audição, admiravelmente bem tocada, em que pôs à mostra seu domínio dos recursos de mecanismo que lhe facultam a exploração plena de técnica pianística.

CHOPIN

Especialmente neste ano do primeiro centenário de sua morte, não se compreenderia qualquer recital de piano sem a música de Frederico Chopin. Lilamand escolheu bem o principal traço chopiniano de seu programa. É o 2º Scherzo opus 31 não só mais conhecido, como o mais famoso e o mais difícil dos quatro independentes que escreveu o genial polonês, pelas variações e dificuldades de execução.

Tem um forte poder descritivo, como só o encontramos nos poloneses e naquela extraordinária Fantazia-Improviso op. 66. Sob os disfarces de alegria e vivacidade, o scherzo exprime, simultaneamente, amor e desespero, evocação e tristeza, reação e conformidade. Prolongados e repetidos aplausos cobriram a execução desse número do pequeno concerto.

Os estudos, escritos na juventude de Chopin, são exercícios de virtuosidade. Com seus arpejos e escalas e acordes, põem à prova a técnica e agilidade do executante. Por muito conhecidos, foram extremamente aplaudidos os de opus 10 n. 3 e 12, além de alguns da série opus 25. O estudo revolucionário é arrebatador, por seu profundo significado, embora não seja daqueles de mais exigência quando às qualidades do artista. O Tristesse teve de Lilamand uma interpretação extremamente sensível. Ele é dos que o tocam talvez com demasiada lentidão no trecho melódico inicial. É um modo pessoal de sentir do intérprete, a que ninguém se deve antepor. Embora contrariando a indicação do autor, “lento ma no troppo”, essa maneira de executar empresta ao estudo grande sentimento, e com Lilamand ficou tanto mais em destaque quando contratou com a passagem imediata, cheia e forte.

LISZT

A genialidade da música Liszt, como em Chopin, está no romantismo. Sua grande força de compositor assenta na música de orquestração. Há uma imensa riqueza de colorido não só rapsódias e fantasias, como as do Fausto, Hamlet e Dante, mas principalmente nos grandes poemas sinfônicos, criação sua, nas quais utilizou o leitmotiv, até então quase desconhecido, em obras onde traduzira, em linguagem musical, cenas fortes e líricas: Dansa da Morte, Eglogue, Rondados Gnomos, Aparições, Soneto de Petrarca e os famosos prelúdios. Doublé de virtuoso e compositor, não lhe faltara inspiração para escrever, também, e muitas, músicas para piano, improvisos, assim como obras de arte e técnica pianista.

Charles Lilamand ofereceu-nos, na última parte de seu programa, duas composições de grande magia. Especialmente a muito conhecida Campanella deu-lhe ensejo de revelar suas qualidades de exercitado pianista, capaz de sustentar no instrumento a intensidade necessária à imitação de sons que exige o motivo da peça, através de exaustivo trinado.

O número final, extra, foi a Valsa 7, de Chopin. O artista, porém, já estava fatigado: por isso a tocou apressadamente, com alguns saltos. Os que comparecem à audição conhecem o

motivo acidental que produziu profunda alteração no equilíbrio nervoso do pianista, através de sua forte reação temperamental.

Está de parabéns a Sociedade de Cultura Franco-Brasileira, que mais uma vez teve ensejo de brindar o público aracajuano, amante da boa música, com o concerto de um jovem pianista, bem credenciado, e que no Brasil se fez ouvir unicamente em São Paulo, Rio e, casualmente, nesta cidade.

Sergipe jornal, Aracaju, 30 de novembro de 1949.

Texto 17
Crítica de Teatro

Não foi feliz em sua estreia a companhia Procópio Ferreira. Ofereceu-nos uma peça fraca, vazia em seu argumento, dessas cujo entrecho não prendem a assistência. Dinheiro é Dinheiro é da lista das coisas sem sabor produzidas por Viriato Correia. Comédia sem consistência, de assunto um tanto amarrado, dentro dos mesmos pontos até o fim. O primeiro ato é fraco e o terceiro mais fraco ainda. Ao início do segundo ato, parecia que a peça se iria levantar mas logo em seguida, vista ao que era, sem grandes oportunidades para os atores.

Não é preciso enaltecer as qualidades de comediante de Procópio, nome sobejamente conhecido e proclamado por tantos anos, mas Dinheiro é Dinheiro não lhe oferece grandes ensejos. O desempenho de Iracema de Alencar na D. Tatá foi completo, nada lhe faltando nem em gestos, nem em atitudes, nem na maneira ou tom de voz no se expressar. Sustenta bem os diálogos com Procópio. Carlos Durval, no Braguinha, não está mal. Seu sotaque é, por vezes, desagradável; suas frases longas às vezes caem, do meio para o fim, no tom de voz, que deixa de ser o de natural conversação e quase descamba para o recitativo. Os demais pouco têm o que fazer. Ainda é cedo para um julgamento de suas qualidades e talentos de artista. Fernando Vilar, peca, no entanto pelo recitativo. Não fala no palco, declama simplesmente. Isso é profundamente desagradável aos ouvidos da plateia.

Resta-nos a esperança de que haja grandes peças no repertório da Companhia que ora se exhibe no Rio Branco. Os frequentadores do teatro entre nós aguardam com ansiedade as peças de Molière, especialmente, Médico á força e Escola de Maridos já têm sido vistos, aqui ou alhures, mas as características e o guarda-roupa; da época em que passam (a primeira por exemplo), tiram um pouco do costumeiro.

Em resumo, ainda é muito cedo para um juízo melhor do conjunto de Procópio.

Pediríamos á Empresa que substituísse os discos tocados antes do espetáculo por música de melhor gosto. Orquestrações, de músicas dançantes ou clássicas, antes que aquelas cantigas como as de ontem.

Muito louvável foi o gesto altamente atencioso e delicado do Procópio, na homenagem que prestou ao extinto Dr. Gracho Cardoso, o que lhe grangeou, de logo, larga simpatia do público, que recebeu suas palavras – sua homenagem como muito sinceras.

Sergipe jornal, Aracaju, 05 de maio de 1950.

Texto 18

Crítica de Teatro

Crítica de teatro aqui está para trazer ao ilustre ator Procópio Ferreira as expressões de solidariedade ao seu desolado coração de pai, ante o sinistro que acaba de se verificar na capital Federal, que atingiu em cheio sua dileta filha Bibi Ferreira, como ele notável artista e, tantas vezes, companheira de trabalho.

Artista por herança. Ela tem sido em toda plenitude de sua inteligência a vigor de seus dotes vocacionais. Não lhe têm faltado às demonstrações de homenagem ao seu talento e simpatia à sua personalidade, externadas pelo público, empresários e colegas da vitoriosa atriz. Sua grande força de ânimo já levou a uma rápida recomposição, para o prosseguimento da temporada com “Escândalos de 1950”, agora no teatro Recreio, pois as chamas tudo devoraram no Carlos Gomes. Foram vultosos os prejuízos materiais, com a perda de um rico guarda roupa, reunido e acumulado em seis anos de lutas e cancelas. Mas, o valor do perdido não é apenas monetário; muitas lembranças, muitos marcos de triunfos em sua carreira, teriam uma constante evocação em um formoso vestido, o painel de um cenário, um simples adorno ou uma custosa pele. Essa, sim, é uma perda irreparável. Como se nos destruíssem as mais caras recordações da vida...

Compreendemos o sofrimento e ansiedade do pai que, diante do triste acontecimento, não pode estar ao lado da filha, para animá-la com suas providências e consola-la com o seu carinho. Servindo-nos das palavras do grande ator, na noite de sua estreia entre nós, cabe-nos dizer agora que, por uma fatalidade, o desastre ocorreu quando ele, pela primeira vez, nos visita e nos deleita com sua arte. Resta-nos, unicamente, o desejo de que Procópio sinta nos corações Sergipanos um espontâneo sentimento de solidariedade a suas agruras, neste amargo ensejo, e receba como muito sincera nossa palavra de conforto e os votos de breve

ressarcimento do teatro de sua filha e grande atriz Bibi Ferreira, já uma gloriosa afirmação do palco nacional e a cuja carreira estão destinados, ainda, incontáveis louros.

João Gangorra, que a Companhia Procópio Ferreira apresentou ontem, em 3º recita de assinatura, é uma comédia leve hilariante, com situações inesperadas. Por trás da cortina, o autor R. Magalhães Jr. Faz uma sátira aos santarrões de aldeia.

A personagem de João Gangorra é um tipo singular, de ignorante e inteligente, simplório, humilde, mas dotado de discernimento e de espírito extremamente arguto. O desempenho de Procópio foi magnífico, que viveu cem por cento o tipo criado pelo escritor. Seu trabalho foi impecável, sob qualquer aspecto. A peça é ele, o João Gangorra; e Procópio, grande ator que é, venceu-se a si mesmo, num domínio absoluto do íntimo estado da alma, para à plateia aracajuana quão vastos são seus recursos artísticos. Sem aquele magistral desempenho, a peça teria sido medíocre; ele é que a fez, com o mais integral bom êxito.

Carlos Durval esteve naturalíssimo no 1º ato, bem como Villar, que melhorou sensivelmente, em cotejo com seu trabalho na peça de estreia. Ada Camargo sai-se bem. Fala com certo jeito, que lhe é próprio, mas com muita naturalidade. Os demais estiveram a contento; todos senhores dos papéis.

F. B.

Sergipe jornal, Aracaju, 09 de maio de 1950.

Texto 19

Ritmos e Bailados

A costumeira bisonhice provinciano, tem às vezes, gratas revelações, que lhe surpreendem o conceito arraigado da minusvalia.

A concepção e realização de mãos dadas, convencem o mais desanimado que a inteligência e a capacidade humana não são privilégios de terras e de povos, mas existem por toda parte.

Ritmos e Bailados, o magnífico espetáculo de sábado, traduz perfeitamente o raciocínio. Foi uma festa de arte em que exclusivamente com gente nossa, nascida e vivida aqui, chegou-se da imaginação ao fato., do abstrato ao concreto, do pensamento á execução, para que pudéssemos ver palpar e sentir como é possível a mobilização, rápida de dotes latentes quando uma força indômita atua, no sentido de descobrir e despertar vocações, tão harmoniosamente congregadas.

A primeira apresentação de Ritmos e Bailados há dez anos atrás, já tinha exibido ao público aracajuano a pujança artística da Sra. Helena Andrade de Azevedo contudo, feito em espetáculo gênero casino ou boíte, não poderia contar, em nosso meio pequenino, com as condições materiais de ambiente, necessárias a uma apresentação daquela natureza.

Reaparece agora Ritmos e Bailados no gênero, revista onde um palco e uma assistência compacta e mais atenta tomam um clima melhormente adequado ao julgamento. A noite de sábado, no Rio Branco, nos deu a conhecer a capacidade artística da criadora e organizadora do espetáculo, em condições mais amplas e profundas. Em menos de dois meses, da iniciativa à estreia, percorrendo-se um longo e embaraçoso, desde a escolha dos intérpretes e das melodias, até os quadros, cenas, guarda roupa e ensaios ameúdados, que de suprema responsável exigiram uma paciência e uma força de vontade quase infinitas, chegou-se ao desfile de legítimos valores, todos “prata de casa”, meros dos recursos de sensibilidade e dos sentimentos de arte que sobejam na sra. Helena Andrade de Azevedo.

Um grupo de jovens de nossa sociedade, o filho de um, o primo de outro, o vizinho deste e o amigo daquele: gentis senhoritas e guapos rapazes, com quem nos avistamos a toda hora, foram reunidos pelo olho arguto de grande empreendedora de Ritmos e Bailados, para nos deleitarem o espírito e nos alegrarem ternamente o coração, ao despertar em nós, face ao que se ia descortinando nos olhares desconfiados e medrosos, aquele orgulho baitrista tão comum á nossa gente.

Depois de uma apresentação original brejeira de elenco, os números do programa se seguiram uns aos outros, sem quebra de tónus inicial, porque não houve uma só falha substancial no desenrolar de todo o espetáculo. É o público, que apreciava as dansas e a representação conhece toda a história da festa, em sua maior intimidade: tem a certeza de que aquelas meninas e aqueles rapazotes não são profissionais do palco, senão simples amadores estreiantes; reconhece como tudo aquilo foi incluído como um número ainda diminuto de ensaios, com gente sem treinamento, embora da manifesta boa vontade e espontânea alegria, para bem julgar quanto de valores se tinha na alma de quem sabe sentir e refletir arte para os outros, ao arrancar, em toques mágicos, as qualidades do material humano que lhe passou entre os lados e lhe deu a delicada e difícil tarefa de modelagem.

A criação dos autores de Ritmos e Bailados se completa com uma excelente escolha de motivos e, sobretudo, no guarda roupa, onde mais ressalta a artística combinação das cores. Todos se saíram satisfatoriamente bem, cada qual deu o melhor que pôde com alacridade e sincero interesse pelo triunfo da festa, e por vezes tivemos excelentes aspectos coreográficos. A variedade e o contraste das cenas impediam a monotonia, que é sempre cansativa; e o apoio artístico da cidade se fez presente á colaboração do espetáculo, como nossas costureiras, nessa habitual prestimosidade, que é um cunho tão cativante da gente sergipana. Tudo ali era nosso e bem nosso; daí esse sentimento íntimo de orgulho e satisfação que tantos contornou.

Fosse-nos possível fornecer a Ritmos e Bailados, uma integral condição de ambiência, com palcos adequados, cenários e jogos de luz, em que aqui somos tão pobres; alguns ensaios a mais, para sincronizar movimentos conjuntos e sedimentar na alma daqueles amadores a performance cênica e teríamos um espetáculo maravilhoso. O de que a exigência recalcitrante de alguns terá feito restrição, desaparece ante a compreensão honesta de que os elementos materiais e técnicos inexistem, o só miraculosamente são compensados pelo ideal artístico da sra. Helena de Azevedo, posto à prova mais uma vez, para nos obrigar a reconhecer-lhe os dotes da imaginação e a estasia que lhe extravasa do espírito em fortes jatos.

Quão oportuno seria que alguma feliz iniciativa aproveitasse a nossa juventude com uma escola de teatro e bailado, para revelar a rica possibilidade que, nesse sentido, estamos inteiramente seguros de possuir.

Ritmos e Bailados, em sua segunda fase, foi uma nova afirmação de arte e ofereceu à selecionada platéia, que a ele assistiu, horas de deliciosa emoção.

Sra. Helena de Azevedo; público aracajuano proclama os vossos evidentes dotes artísticos.

Sra. Helena de Azevedo; os velinhos do Asilo Rio Branco beijam vos as mãos.

Diário de Sergipe, Aracaju, 13 de agosto de 1950.

Texto 20

Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe

Conforme já é do conhecimento público, foi fundada, nesta Capital, uma sociedade, de fins culturais e educativos, intitulada Sociedade de Cultura de Sergipe que se propõe a criar em nosso meio, entre outras coisas, escolas de ensino superior. Seus estatutos, devidamente aprovados, registrados e publicados no Diário Oficial do Estado, estabeleceu desde já, a criação de uma FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE, que deverá entrar em funcionamento no próximo ano letivo de 1951.

Quando surgem louváveis iniciativas como a da criação de escolas superiores em Sergipe, há sempre os que desacreditam de sua implantação entre nós, sob alegação de que não haverá frequência, não possuímos ambiente para isso, etc. São argumentos improcedentes, de que há muito clima para escolas superiores; e necessitamos delas, para que elevem o nível intelectual de nossa gente, criando uma mais alta mentalidade. Em Aracaju, já se acham em funcionamento a de Ciências Econômicas e a de Química. No próximo ano teremos a de Direito. Vem agora a de Filosofia: outras virão depois. Nossa população escolar cresce dia a dia. Possuímos vários ginastas na Capital, masculinos, femininos e mistos e começam a se fundar os do interior do Estado. Tão, louvável abrir ginásio aos principais centros do interior sergipense, como instalar Faculdades nesta Capital. Os motivos são os mesmos: nossa mocidade precisa estudar, necessita educar-se, e a instrução deve ser facilitada o mais possível, em abundância e para todos. O ideal seria que fosse gratuita em todos os graus e compulsórias a primária e a secundária. Por falta de recursos suficientes, ficam os jovens do interior, muitas vezes, impossibilitados do estado secundário e os de Aracaju do estudo

superior: por isso, tanto merecem nosso apoio e aplausos as medidas para abertura de ginásios ali, como faculdades aqui. Assim daremos passos para se atingir aquele ideal, já concretizado não apenas nos países da velha Europa, ou nos países novos de grandes recursos, mas também em nações modernas, onde a mentalidade de suas populações vai alcançando, rapidamente, os mais elevados níveis, como são exemplos a Austrália, a Nova Zelândia, o mesmo Argentina, o Uruguai, o México, o Chile, a União Sul Africana. É nesse grupo se inclua o Brasil.

Não poderia ter sido mais oportuna a criação dessa Faculdade de Filosofia, de vez que ela visa, especialmente, à formação de professores secundários, cuja necessidade se faz sentir, cada vez mais, entre nós; por que, a um aumento, em progressão geométrica, dos discentes em Sergipe, não corresponde um crescimento, sequer em progressão aritmética, de um curso docente. Em algumas disciplinas, como a de didática por exemplo, e a bem dizer, urgente a sociedade de praticamente para o coras secundário.

Na FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE funcionarão, no próximo ano, os seguintes cursos: Filosofia, Pedagogia, Matemática, Geografia e História, Línguas Neo Latinas e Línguas Anglo-Germânicas.

Esclareça-se, no entanto, que embora fundada sob os auspícios da Diocese de Aracaju, segundo se vela a denominação da Faculdade, ela não é, de modo algum, uma escola sectarista. É uma Faculdade para todos quantos a queiram frequentar, desde que concordem com as linhas gerais de sua formação, atidamente espiritualista. Como maior demonstração de que é uma Faculdade acima das preferências pessoais de seus organizadores ou de quem quer que seja, em circunstância de que deverá ler a cadeira de Línguas e Literatura Inglesa, na seção Línguas Anglo Germânicas, o prof. Walter C. Donald, ilustrado pauta da Congregação Presbiterial desta cidade. A Faculdade estará aberta a todos quantos, de boa vontade e lealmente, queiram emprestar sua colaboração, com professores, ou beneficiar de seus ensinamentos e de vantagens do título que ela oferece, como estudantes.

O Sr. Bispo Diocesano D. Fernando Gomes, a quem coube a ideia e iniciativa da criação da referida Escola, Esteve no Rio de Janeiro, onde cuidou de todas as medidas legais para a organização da Faculdade já tendo vindo a Aracaju um Inspetor de Ensino Superior, designado pelo Ministério de Educação e Saúde, para a verificação das instalações, localizadas na parte nova do Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, entrada pela rua Itabaianinha, nesta Capital, onde deverá funcionar a Faculdade. Os interessados poderão se dirigir à Secretaria da Escola, ali instalada, ou pedir maiores esclarecimentos ao padre Luciano Duarte, secretário da Faculdade.

Segundo fomos informados, haverá um curso pra vestibular, gratuito, que funcionará em breve, para atender os candidatos à matrícula nos diferentes cursos, em 1951.

Os professores da Faculdade, estão sendo escolhidos entre os mais idôneos e de reconhecida competência nas diferentes disciplinas, atendidas as exigências nas diferentes disciplinas, atendidas as exigências do Ministério da Educação e Saúde, uma as quais é que o professor seja portador de diploma na escola superior, ou curso de formação religiosa, que por lei se acha àquele equiparado, para tal fim o corpo docente já inclui nomes sobejamente conhecidos no nosso magistério secundário, como Manuel Ribeiro, Gonçalo Rollemberg Leite, Gentil Tavares, José Rollemberg Leite, José Silvério Fontes, Maria Thétis Nunes, Manuel Cabral Machado, José Barreto Fontes, Lauro Barreto Fontes, Walter C. Donald, Alberto Bragança de Azevedo, cônego José Machado, José Olinó Neto, Lucilo Costa Pinto; há outros nomes de cogitação ou perspectiva, assim; dr. Lourival Batista, dr. Garcia Moreno, dr. Stefan (da Faculdade Dominicana), prof. Nilsa Rocha Santos, sta. Korand Scâw (cursos de Química e Matemática, da Alemanha e outros).

Que venha a Faculdade e dê os capazes passos e receba nossos votos.

Diário de Sergipe, Aracaju, outubro de 1950.

Texto 21

Discurso pronunciado pelo ilustre professor Dr. Felte Bezerra, na solenidade da inauguração do novo prédio do Colégio Estadual de Sergipe.

Sr. Professor Dr. José Rolemberg Leite:

Não vos seja estranho que somente agora se movam os lábios da nossa Congregação, para vos dizer do seu aplauso e da sua ufanía, pelo brilhantismo do alto mandato, cujo exercício oriais em vias de concluir, como governador de Sergipe, e que recebestes numa consagrada outorga, que vos confiaram os vossos coestaduanos.

Pela primeira vez na história sergipana, foi um dos nossos escolhidos para tão honrosa difícil missão; e a executastes com ascendrado amor e devotado civismo. Os que já havíamos convivido convosco e acompanhado vossa ascendente e cintilante trajetória de vida pública, não tivemos a surpresa e inesperado, face ao arguto tino administrativo que revelaste a cerca do governo, na árdua e precípua tarefa de reconstruir as finanças do nosso pequenino Estado. Sem embargo, não podemos fugir a um orgulhoso contentamento, ao vêr-vos tão produtivo e eficiente na administração da coisa pública, como sempre os fostes na proverbial e tão sabida competência que consignastes na cátedra, se éreis, então, o companheiro que tanto enobrecia esta casa, transpuzestes-lhe os umbrais para mais nos valorizar, ensejando que hoje se cantem os vossos triunfos de governo, de trabalho e de honradez, de organização e de operosidade, em elogios que recolhemos sobranceiros, como se em parte ele nós coubestem, por serdes um dos nossos.

Aquele exemplo magnífico que aqui dáveis, de honra ao trabalho, de dignidade profissional, de judicioso critério, de inteireza moral, continuaste a exhibir no elevado mandato em que fostes investido, como o atestam vossos atos administrativos da maior

responsabilidade. Foi extremamente enaltecedor que houvésses conduzido os destinos do Estado dentro de um equilíbrio financeiro quase que miraculosamente sustentado. E ainda achastes como atender necessidades urgentes e inadiáveis, que já gritavam contra os nossos foros de gente civilizada, e por cuja solução todos já ansiávamos, quando na iminência de sermos compelidos ao desespero ou, pelo menos, á desesperança. Muito provestes em vossa digna gestão, com os singelos recursos estaduais; e mesmo quando obras, como a que, como a que hoje se inaugura, devessem ser executadas com verbas estranhas, os serviços se não interromperam por irregularidade na entrega das doações orçamentárias da Nação, por que logo chegava vossa providência solícita e vigilante, numa participação do Estado, que assim parecia desafiar a carência ou meio descaso com que transitavam as diligências processuais, até que aqui chegassem as cotas federais que nos eram destinadas. De tal sorte, que se torna difícil indicar, numa realização como esta, o que mais pesa, se a contribuição alheia, se a nossa própria.

A educação ainda é, em dias presentes, como nos tempos dos do Miguel Couto, o nosso problema fundamental. Não nos afastamos do aviso em que pese a suspeição com que poderemos ser taxados.

Acreditamos firmemente que é ainda o grande bem, que nos defenderá de derrocadas e instigações maquiavélicas. Prevenir, antes que curar, com a elevação da mentalidade do nosso povo que, hoje, mais do que nunca, na dubiedade dos dias que correm, precisa se acobertar no esclarecimento de sua inteligência, para pensar e querer por si mesmo, sem a obediência cega a tenebrosos e incontestáveis interesses dissolventes. Ao educador é impossível aceitar intentos sinceros, quando se oculta ou procura amesquinhar a influência, poderosa e sã, da alfabetização. E como tal não nos bastam apenas as primeiras letras, por que só compreendemos instruído o homem de conhecimentos humanísticos. No grau secundário,

portanto, é que assenta o mínimo limite, que alcançado coloca a pessoa humana em condições de nortear-se sem alheias interferências.

Assim se evidencia o valor inestimável do mestre secundário, cuja grave responsabilidade está muito acima do superficialmente enxergado, não apenas pela nobreza do material com que trabalha, a idade dos conflitos mentais, como sobretudo pela influência ponderável que vai exercer nos caminhos a serem trilhados pela juventude. Neste terreno, aliás, nada do povo vos trazemos, que bem o conhecia, pois palmilhastes aos nosso lado, por anos seguidos, na solução cotidiana dos problemas e no estudo rotineiro dos casos comuns.

A tarefa agora, é ainda aquela mesma, que vem dos começos de nossa história, aqui implantada pelo grande esforço e abnegado movimentos que em nossa terra exerceram os pioneiros de nossa formação, aqueles benditos missionários, que em levadas sucessivas, a cada instante renovada, gizaram entre nós uma linha cheia e marcante. Que continua hoje, e continuará no futuro do tempo incontinúvel, à sombra do cristianismo indestrutível, porque eterno. Que mais fazemos, no momento, senão prosseguir no encargo, engrossando-lhes as fileiras, na ação tão notável e desmesurada que executaram em terra brasílica, e cujo exemplo, mau grado as cancelas e incompreensões. Vamos seguindo tão orgulhosamente? Redivivos, estão conosco, na imagem ideal contida em nossas almas retemperadas pela experiência, que se acumula aos caos passo, as figuras inconfundíveis dos Nóbregas, dos Anchieta, dos Gaspar Lourenços, dos João Solônios, que iniciaram uma geração de mestres, a qual jamais se extinguirá. Muitos e muitos os antecederam no altruísmo labor, e os que passaram por esta casa, ou nela ainda se encontrarem, outra coisa não tem feito que sustentar a grande obra, de inestimável aperfeiçoamento.

Pois bem Senhor Professor, cuidastes do assunto com segurança e o carinho que ele requeria, como demonstraram, de sobejo, o aumento de nossa rede escolar, o desenvolvimento do ensino rural, o elastecimento dos cursos secundários até o interior e, por fim, num

maravilhoso encerramento, as úteis medidas de criação, impulso e amparo ao ensino superior, até então ausente entre nós. Não se diria que esgotastes o setor, que ponto de honra do vosso honesto governo, tão meritória e para vós, tão confortadoramente executado.

Acompanhamos Silenciosamente, o desenrolar desse espetáculo; percebemos as escolhas e dificuldades, a serem contornadas e vencidas, mas unicamente por um pulso rígido e um forte espírito de determinação, como destes prova de possuir, eis por que, prudentemente, permutamos a análise prospectiva de vosso quadriênio, onde falhas poderiam sobrevir, por motivos alheios as vossas intenções, pela alegria e serenidade de um exame a posteriori, onde o que está feito é inapagável e constitui documento singular do que seja o dever e a proficiência, postos as serviço da comunidade.

Podeis estar tranquilamente certo, Senhor Governador, de que nos solidarizamos como os vossos louváveis intentos, realizados dentro e até acima dos meios, ainda parcos entre nós, dos quais pudestes dispor, para a concretização de vossa enaltecedora tarefa educacional, de que este edifício é um dos muitos índices; e ela será devidamente reconhecida, ao perpassar das épocas, porque contém em si mesma o mais elevado dos merecimentos, o da sua execução pelo poder da vontade e o espírito de bem servir; e nenhuma outra maior recompensa ser-vos-ia mais sedutora.

Pedimos, assim, que nos entendais, pois antes quisemos sintonizar convosco o pensamento, na confortadora compreensão do dever cumprido com excelência, vibrando às orações que já começam, Doravante, a vos serem tributadas, do que colaborarmos na proclamação de vossos méritos, tão evidentes e tão sabidos, de homem e de cidadão, porque nos pareceste mais sedição esta atitude. Se falharmos no comportamento, não nos leves a mal, que não foi intencional, nem fruto do que teria sido lamentável escutamento.

Contudo, mesmo nessa aproximativa intimidade, em razão de nosso convívio anterior, não poderíamos fugir ao indeclinável dever de vos revelar a nossa maior sensibilidade, pela

grandiosa dádiva que nos fizeste, ao término de vosso período governamental, como o levantamento do novo edifício onde irão ecoar nossas palavras de ensinamento e de conselho à juventude sergipana. É uma nova roupagem que nos dais, quando envelhecida e inadequada já se encontra a antiga, e que vale como um novo sangue em nós injetado, para que mais e melhor nos dediquemos à espinhosa incumbência da modelagem e preparo de nossa mocidade. Bem conheceis a delicadeza da obra, pois dela sois, por igual, um artífice, e bem avaliais o estímulo que representa, para nós outros, a majestosa oferenda que nos acabas de fazer. Essas palavras de gratidão de vossos companheiros pouco poderiam, no entanto, significar, se elas não se ajuntassem, num coro álaçre, extremamente sincero, o sentimento do benefício que a juventude bem percebe receber, ou o reconhecimento que se expressa nos olhos umedecidos dos pais, cujos filhos desfrutarão as incontáveis vantagens de nossas novas dependências. Esse agradecimento valioso, insuspeito e durável, que o tempo em fora tão cedo apagará.

Revestido da autoridade que vos compete, tiveste presente a lembrança desta vossa tenda e a ela planejastes suprir na maior de suas deficiências, a de uma instalação à altura de sua respeitável função educativa. Vindes, assim, dotar-nos de prédio condigno, aos moldes dos mais modernos e padronizados existentes no país, com o que tanto nos dignificais o trabalho de todo ano. Recebemos, comovidos, a vossa grande dádiva que maior não poderia ser; e para perpetuar a emoção desse instante, esta Congregação deliberou que aqui se fincasse um marco indelével do vosso valioso serviço prestado às gerações novas que estudam sob vossas vistas. Á entrada deste templo de cultura será fixada, em bronze, a efígie de quem agora lhe merece o título de benfeitor. Não tendo sido possível a inauguração hoje, porque a premência do tempo não permitiu que estivesse ultimada sua confecção, inauguramos, simbolicamente, um singelo retrato do estimado companheiro, que apenas tarda o nosso compromisso a ser em breve concretizado.

As homenagens que vos prestamos neste ensejo, mais do que nas expressões mal coloridas do porta-voz, ficaram registradas na mensagem que vos dirigem os companheiros, o documento que, após lido, muito nos tenha entregar-vos.

Diário oficial, Aracaju, 17 de dezembro de 1950.

Texto 22

Reserva Florestais

“A devastação florestal é um exemplo trágico da miopia do homem”, afirma, em sua *Economic Geography*. Realmente, desde que o homem iniciou a destruição das associações florestais, por muito tempo se conservou desconhecedor do mal que a si mesmo infligia. Isso aconteceu até os fins do século XVIII, quando, na Europa ocidental, se tomou conhecimento do erro tão antigo. Foram os países da Europa que deram o exemplo, nos cuidados com as reservas florestais, até que elas se sustentassem pela replantação, feita cientificamente. Hoje, a Alemanha, a Bélgica, a França e as nações escandinavas, especialmente a Dinamarca, são as que melhor cuidam de seus bosques. E outros países lhes seguem os passos.

Na Ásia, se pode bem apreciar o grave erro da destruição das associações arbóreas, no exemplo da China, onde a devastação das matas alterou, através das condições meteorológicas formadoras da feição climática, o regime de seus grandes rios que passaram a apresentar cheias devastadoras, com incalculáveis prejuízos de vida e material e suas horríveis consequências. Enquanto isso, o Japão toma cuidado de proibir a derrubada vegetal em grandes áreas de seus bosques, de modo a não faltar a matéria prima para as indústrias derivadas, inclusive as construções, tão abundantes por lá e tão necessárias, como um recurso aos grandes e desastrosos sismos a que está sujeito o país.

O fenômeno de aniquilamento de matas e florestas, que cedem lugar aos campos de cultura, transplantou-se, como característica, aos países de formação colonial. Por essa razão, ele foi peculiar à conquista e exploração do nosso solo, desde o século I de nossa história. Os estados marítimos tiveram parte de sua mata atlântica, a partir da fimbria litorânea, em direção ao interior, integralmente devastada, com raros trechos de exceção desde o Maranhão até o Rio de Janeiro, principalmente. Em nossos dias, unicamente zonas costeiras, como a do

sul da Bahia, ainda conservam a cobertura vegetal, cuja fisionomia guarda o mesmo aspecto das centúrias coloniais.

A flora nacional foi estudada desde os primeiros tempos, e abundam as referências descritivas a sua variedade e luxúria, conforme se lê nos relatos de nossos observadores, mais ou menos autorizados, do século XVI e seguintes.

Os informes nos foram dados por Hans Staden, Cardín, Anchieta, Gabrjel Soares, Gandavo e tantos outros. Todavia, os primeiros estudos científicos de nossa flora, especialmente do ponto de vista de seu valor terapêutico, parece que foram realizados pelos conhecidos médicos Pies e Maregrave, trazidos para aqui pelo príncipe de Nassau Siegon. Outros grandes colaboradores do assunto, com importantes contribuições, foram parte Cristóbal de Acunã, cronista da expedição de Pedro Teixeira na subida do Amazonas, que só cobre a flora Amazônica escreveu seis longos volumes; o grande Alexandre de Humboldt, que visitou aquela floresta, e mais seus compatriotas alemães Martius e Spix; o russo Langsdorff; os ingleses Bates, Wallace e Gardner; o francês Auguste de Saint Hilaire; os últimos já no século XIX. Martius chegou a registrar, em sua “Flora Brasiliensis”, 19.619 espécies diferentes, das quais 5.689 novas e genuinamente brasileiras.

Entre os nossos, o primeiro estudo científico importante se deve a Alexandre Rodrigues Ferreira. Atualmente, o trabalho mais bem cuidado sobre nossa flora deve ser o de Alberto José Sampaio, membro da expedição Rondon 11928/9. Sua “Biogeografia Dinâmica” é um repositório de informações e esclarecimentos da vegetação nacional; e tem outros livros sobre o assunto.

Possuimos, no Brasil, um bom número de primores florísticos, plantas típicas nossas, cada qual delas apresentando certa peculiaridade. Assim, a conhecida vitória regia, com folhas de dois metros; a dinizia excelsa, cujo vegetal atinge sessenta metros de altura; a cattleya eldorado, orquídea das florestas do rio Negro; o pau Brasil, parece que hoje quase

desaparecido, ou pelo menos muito escasso. Sem contar as numerosas madeiras de aplicação industrial, como o jacarandá, as perobas e outras essenciais.

No entanto, com muitas plantas industrializadas tem sido o Brasil de uma incúria, um desleixo, uma imprevidência crimosamente impatriótica, como ressalta Afrânio Peixoto. E ele ilustra o libelo: a quina, nativa daqui, deixou-se dominar pela cultura da ilha de Java, feita com selecionamento; o anil, de próspero que foi, hoje quase desapareceu. A produção mundial; o cacau, nativo mais doce do Pará, foi permutado pelo da Bahia (e é um baiano quem insuspeitamente fala, que antes de baiano é cientista). E assim por diante.

Já Monteiro Lobato chamava atenção para a necessidade de se criar, entre nós, uma “mentalidade reflorestadora”. A campanha pelo reflorestamento tem sido intensa e contínua. Muitos têm escrito a respeito. Em 1933, ao justificar a criação do Serviço Florestal do Brasil, o deputado Augusto de Lima serve-se do pensamento de Lund, sobre a necessidade de conservação de nosso patrimônio florestal. O Rotary Club se tem batido pelo assunto, e em suas reuniões se destacam os discursos de Berta Lutz, no club do Rio, em 1932; de A. J. de Sampaio, no clube de Belo Horizonte, em 1934; de Aníbal Matos, ainda no clube do Rio, em 1935. O autor destas notas teve ensejo de focalizar o assunto no clube de Aracaju, em 1946.

Em Sergipe, a crise da flora é desesperadora. Possuímos apenas um décimo de nossa necessidade ecológica florestal; daí o alto preço da lenha e o absurdo de, muitas vezes, o valor de cobertura vegetal sobrepujar o da própria terra. Compra-se a lenha, a mata, e não o terreno. Até agora só temos feito economia e destruição. Precisamos fazê-la de reparação, inspirados na política de Colbert, que vaticinára: “A França desaparecerá quando houver destruído sua última floresta”.

Sergipe Jornal, Aracaju, 05 de março de 1951.

Texto 23

Giuseppe Verdi

Comemora-se este ano o cinquentenário de morte de Giuseppe Verdi, grande músico italiano, que significou para seu país, de certo modo e situadamente no gênero da espera, o que Wagner representou para a Alemanha. Não foi um inovador como este, que encheu todo o século dezenove, como característico da música melodramática italiana. Sua grande força esteve no efeito cênico, de que ele revestiu as tragédias que transportou para o lírico.

Não era músico para escrever obras alegres. Sua tentativa de fazer *òpera bufa*, com *Il Finto Stanilão*, resultou em completo desastre. Nunca mais ensaiaria tal tipo de música. Depois de um começo tormentoso, em que por vários ensejos se julgou vencido, alcançou sua fase preparatória de grandes êxitos, com a música de inspiração nacionalista de *Os Lombardos*, com motivo nas façanhas da 1ª cruzada, assim como em *Ernani*, a primeira vez em que se serviu do trabalho de Victor Hugo; e de sua primeira vez em que se serviu do trabalho de Victor Hugo; e de sua primeira grande ópera, que foi *Nabucodonosor*, desde a qual se tornou conhecido, com o favorável depoimento de Donizetti.

Todavia, com tão brilhantes peças, ainda não estaria em condições de se firmar definitivamente. Após seus reais triunfos, escreveu uma série de óperas medíocres, que muito longe estavam de ser obras bem aceitas, segundo quer deixar transparecer seu biógrafo Marcillio Sabba. Bem ao oposto, foram uma sequência de fracassos, que o fizeram deixar a Itália pela França. É o que aconteceu a *Attila*, *Due Foscari* e mesmo *Macheth*.

Em Paris, cheio de preocupações, resolveu estrelar com garantias. Ao invés de óperas novas serviu-se de *Lombardos*, que ele habilmente transmudou no que foi levado à cena com o nome de *Jerusalém*.

Afinal, delibera escrever uma grande ópera, inspirado no livro de Victor Hugo *Le Roi S'amuse de Lombardos*, que tinha sido interdito, em face da apresentação de Francisco I em sua pior faceta. Zangou-se Verdi com a proibição e, não sem alguma relutância, concordou em alterar as personagens, ao trocar o monarca pelo Duque de Mantua. Foi este o primeiro triunfo integral de Verdi. A ópera, estrelada em março de 1851 (em anos agora), obteve um êxito retumbante. Desenrola-se toda em forte interesse dramático, o que o tornou natural sucessor de Donizetti. A crítica foi quase unânime nos elogios ao trabalho, pelo seu valor dramático e cênico e pela beleza da partitura, em que pese ao desagrado do cronista do Times, de Londres, que a criticou acerbamente. Seu valor não está só em suas árias vulgares, *La Donna é M^obile* ou *Questa O Quela*, mas na grande expressão do Quarteto, onde o contraste de sentimentos das personagens se harmoniza na música escutada em cena.

A vitória de *Rigoletto* se seguiram a das duas óperas irmãs, que quase poderíamos chamar gêmeas, não pelos argumentos, mas pelas partituras. Com efeito, há trechos de uma inteiramente semelhante ou que lembram muito claramente a outra. *Trovador* e *Traviata* foram escritas simultaneamente, a bem dizer. Ainda o maestro não havia concluído a primeira, e se deixou impressionar fortemente pela representação da *Dama das Camélias*, no momento em que o livro de Dumas Filho era lido e conhecido por todos.

Iniciou imediatamente a *Travesia*, onde Armando Duval passa a ser Alfredo e Margarida é a transviada, figura central da obra. Se o *Trovador* alcançou, de logo, a conquista das preferências do público, mantendo-se na ópera o mesmo e típico ambiente das obras verdianas, com a tragédia final da morte de um irmão a mando de outro, por desconhecer-lhe o parentesco, o que só no fim é revelado pela vingança da zingara; onde o *Miserere*, de magnífico efeito sacro e trágico, ao mesmo tempo, parece ter sido inspirado por grande tristeza que invadira a alma do artista, a *Traviata* apresentou, quanto ao entrecho cênico levado ao lírico, uma novidade, com a morte, em cena, da infeliz tuberculosa, morte natural,

ao invés das habituais punhaladas e envenenamentos, que caracterizam o desaparecimento, em cena, das personagens. O fiasco das duas primeiras exposições da Traviata correram exclusivamente por conta dos maus cantores, conforme se verificou mais tarde, quando a ópera iniciou a sua até hoje inesgotável série de triunfais exposições.

Sentindo-se firmado de uma vez para sempre, Verdi faz dois desvios que não lhe trouxeram bons resultados: *Vésperas Sicilianas*, cuja riqueza de instrumental não logrou, no entanto, bom êxito para a peça, e *Simão Boca-Negra*, que foi uma tentativa infrutífera da música Wagneriana. Depois disto, volta Giuseppe Verdi ao gênero trágico, de sua predileção, que culmina com *A força de Destino*, onde o exagero chega à morte de todos os personagens. Apesar disso, no entanto, o grande músico conseguia ser profeta em sua terra e testemunhava a idolatria que lhe tinham seus compatriotas.

A inauguração do canal de Suez veio dar a Verdi a oportunidade de marcar o ponto mais alto de sua carreira, com a ópera *Aída*, estrelada no Cairo. Sua grandiosa montagem requereu a colaboração de técnicos e especialistas na história do argumento, com a reconstituição do tempo de Ftah, na Tebas de Menfis. A música extraordinária, com trechos considerados unanimemente, pela crítica autorizada, como notabilíssimos: Quando levada à cena em Milão, seu compositor foi chamado ao palco trinta e duas vezes! Estava consagrado o artista.

Suas últimas óperas são *Otelo*, ainda fortemente dramatizada, e *Falstaff*, onde, sem quebra do tônus harmônico, o músico revela técnica muito avançada para seu tempo.

Fora do gênero, Verdi ainda deixou notáveis trabalhos de música sacra, a grande missa de réquiem, em homenagem à memória de Alexandre Manzoni, e as chamadas *Quatro Peças Sacras*.

Esses os traços marcantes da obra musical de Giuseppe Verdi. Sem o seu gênio, ter-lhe-ia sido impossível o que conseguiu, suceder ao exponencial trio italiano Rossini, Bellini e Donizetti, que tudo havia conquistado. Verdi, para substituí-los, refugiou-se na tragédia lírica.

Sua música teve muito do estilo meyerbeeriano, algo do modelo rossiniano, mas reagiu ao wagnerianismo, para ficar como personalização da música de sua pátria, naquela época. Enveredou pelo verismo, que mais tarde seria continuado por seu compatriota Puccini.

Sergipe Jornal, Aracaju, 21 de março de 1951.

Texto 24

Concêrto Irany Leme

Bach como abertura de um concerto já é uma credencial para o concertista. Revela percepção e preferência de música “pura”, naquela elevação basilicas das composições do imortal organista de Eissoach Siloti, transcrição de prelúdio para órgão, foi bem executado Jesus Cristo Filho de Deus pedia maior magnitude, para tornar a peça ainda mais magestosa.

O Estudo de Burtkiewiez foi, talvez a melhor interpretação do programa bem como o Soneto de Petrarca nº 104 onde o poliformismo de Liszt se mostra tão suave e sonhador, que foi tocado com certa delicadeza. A A Sevilha de Albeniz, é um tipo de música característica do autor, ou aliás, dos compositores nacionalistas espanhóis, como Fala e, especialmente Granada. Um mesmo motivo explorado em diversos aspectos tons e roupagem, como Seguidilhas e Malaguena da própria Albeniz, ou as danças Espanholas de Granados. Temas folclóricos, facilmente audíveis para ouviste comum. A execução foi deficiente.

As impressões seresteiras de Vila Lobos, que Irany tocou bem, é do grupo das músicas do maestro brasileiro acessíveis ao público leigo: não é daquelas suas composições dissonantes, geralmente acima do entendimento comum, só alcançadas pelos especialistas da técnica musical.

A catedral submersa de Debussy foi interpretada sem aquelas passagens fortíssimas, que alguns lhe dão. Ficou bonita, tocada com a suavidade que lhe emprestou a concertista. A polonaise Brilhante opus 22. De Chopin, veio com o prólogo, que o autor lhe justapoz tempos depois do Andante Spianato, obra curta e delicada que a pianista executou bem, da melodia inicial aos acordes fins. À Polonaise porém, permitiu-nos certas restrições a interpretação. Talvez resultante do acidental desequilíbrio de nervos da artista, pois ela demonstra a posse de recurso pianístico para executá-la melhor, com maior ajuste de sentimento, especialmente no

segundo tema. Trata-se de uma peça encantadora, pelos aliados arabescos de que é bordada, mas sua segunda parte é exigente, pelo intenso virtuosíssimo que contém e a larga exibição técnica que solícita do intérprete.

Os números extra foram o Estudo das Teclas Negras de Chopin , que a falha de memórias forçou-se executante em abandonar, e o conhecimento Clair de Lune, de D. Bussy, formoso e sentimental. O desempenho foi muito suave e, por isso, agradabilíssimo. Parece que é o gênero para onde se encaminhará a concertista de sexta-feira.

A figura simples e sem aparatos de musicista, dá-lhe grande simpatia, pelo sentido de sinceridade que é o grande apanágio dos artistas honestos e conscientes. Com os elementos de que dispõe, Irany Leme tem diante de si um brilhante futuro.

Diário de Sergipe, Aracaju, 02 de maio de 1951.

Texto 25

Sociedade de Cultura Artística de Sergipe

1º Festa de Arte

Concerto Oriano de Almeida

Como e quando é fácil o comentário de um concerto da contextura do que a 2ª feira última assistimos.

É preciso apenas informar os que lá não estiveram e que um grande pianista deu um notável recital. Não da escolha nas interpretações que o virtuose executou; tudo foi extraordinariamente bom.

Todos conhecem a sutileza e o encanto das sonatas do gênio de Bonn. Fica-se, às vezes, indeciso, para dizer se a preferência do ouvinte deve ficar com a ética, a da Autora, a Sonata ao Luar, ou outras maravilhosas que aquele músico único nos legou. Mas em verdade a Apassionata é uma partitura de grande força e expressões em qualquer de seus três movimentos. A interpretação de ORIANO DE ALMEIDA foi impecável. Nas primeiras frases do *allegro*, logo a plateia sentiu o singular valor do intérprete. Tem como domínio absoluto do teclado. Na técnica, na sensibilidade, na tradução fidelíssima do que se compreende que o autor quis escrever. Daí em diante, estabelecido esse clima de perfeição, não mais se saiu dele. O *andante* foi tocado com toda aquela suave magestade de que se reveste, e o *presto* voltou a mostrar ao público os vastos recursos de que ORIANO dispõe no teclado. Inteiramente senhor da técnica musical, o fraseado é ricamente executado, por que ele tem um *legato* completo. Com aquela interpretação, ORIANO DE ALMEIDA é capaz de revelar a um ouvinte, acaso até então despercebido, toda a grandiloquência e a beleza da música de Beethoven. E ele ontem terá conseguido isso, indubitavelmente.

Mas é Chopin que ORIANO DE ALMEIDA se torna inexcelável. Impossível superá-lo na execução daqueles *scherzos*. Não é fácil decidir se qual dos dois foi melhormente

interpretado. Aliás, não é bem o que se quer dizer, a expressão seria qual dos dois teria sido mais bem vivido, porque ORIANO não toca, vive Chopin. Até o físico e a idade o ajudam neste particular. Ele ao piano, nas obras do genial compositor polonês, é o próprio Chopin. ORIANO desliga-se do mundo, para viver a música que os seus dados extremamente ágeis sugam do instrumento. Se o opus 31 é aquela maravilha que todos conhecem, o opus 20 não é menos brilhante, difícil e tipicamente chopiniano. Veio a seguir a valsa do minuto, escrita por capricho ao convite de Jorge Sande, quando um dia os dois olhavam o cãozinho de estimação da escritora, que brincava com a cauda e rodopiava na sala. É uma valsa curta e de execução tão veloz quanto carente de um exercício prolongado e exigente até a saturação, ORIANO já sobrepujou todos os requisitos para suas boa execução. Ele a toca com maestria e em nada difere dos insígnias que a incluem em seus programas. Por fim, aquela miraculosa Fantasia Impromptu, tão conhecida e tão querida dos que se deleitam com a música do prodígio da Polônia.

A terceira parte trouxe uma surpresa aos poucos familiarizadas com as partituras de Vila Lobos impressões Seresteiras é uma peça excepcional, cheia de motivos bem nossos, onde o grande maestro brasileiro consegue fixar as modulações de nossa música regional e característica, como a tinha escutado num dedilhar mecanicamente inexpressivo. Ontem ORIANO mostrou o que é a peça, ao dar-lhe as singulares cores e tonalidades de que se reveste, quando transmutada ao saber do talento de extrema sensibilidade, que sente a inspiração do autor. Com Sevilha ORIANO nos leva à Espanha; naquela música que, no fundo, é oriental. Assim são as composições de um Granados, um fala ou um Albeniz, que ontem escutamos na expressiva fidelidade de ORIANO DE ALMEIDA. Daí se passa à suavidade do impressionismo debussyano. Aquela balada é um bálsamo da alma. É uma partitura legítima de Claude Debussy; tem o seu estilo próprio, a delicadeza sonhadora de

muito que o autor escreveu naquela feição musical, que é só dele. A balada é lindíssima e ORIANO a exprime inexcedivelmente porque a compreende em toda a plenitude.

O último número é um dos monumentos de Liszt, e o é nas dificuldades, tão do sabor do compositor húngaro, como na beleza da inspiração. O trabalho da mão esquerda é exaustivo, naquela fiel tradução, quase onomatopaica, das ondas marinhas; mas, por vezes, tão difícil encargo é transferido a Mão direita. Ao lado disso, o andar do Santo, em notas claras, suaves e destacadas. Só um Liszt era capaz de compor uma música que é grandiloquente e impregnada de um misticismo suave e doce, como se vê na parte final da peça. Por ali se estende que a partitura do magiar ímpar ORIANO DE ALMEIDA executou o São Francisco sobre as ondas impecavelmente.

O que Le nos deu de extra, compelido pelos calorosíssimos aplausos com que a assistência, por vezes de pé, o aclamava (só uma vez vimos isto em Aracaju, quando aqui cantou Bidu Saião), foram duas grandes, conhecidas e contratantes peças ainda de Chopin: o Noturno op. N. 2, lindíssimo e maravilhosamente tocado, e o Estudo Revolucionário, a lama da Polônia sangrando às cargas de cavalaria de seus invasores, que o gênio do autor. Em suma, estas notas, escritas ainda sob a figurante impressão do notável concerto de ontem, poderiam ser condensadas: ORIANO DE ALMEIDA é um grande pianista, e aquele sentimento nos pianíssimo que ele extrai de seu instrumento, é uma tradução de sensibilidade brasileira genuína. Genaro Plech nos disse logo, em meio ao recital, “É o maior pianista que já passou por aqui”, e eu, de consciência e sem qualquer favor lhe endosso a frase, por que o pianista de ontem é, realmente, incomparável.

Diário de Sergipe, Aracaju, 07 de junho de 1951.

Texto 26**Oriano de Almeida no recital de Chopin**

TINHAMOS toda razão quando dissemos, no comentário ao primeiro concerto de ORIANO DE ALMEIDA, que ele não toca, vive Chopin. Isso ficou patentemente demonstrado em seu segundo recital, exclusivamente de músicas do genial compositor polonês.

Não se pode dizer qual a melhor interpretação dada por ORIANO, por que tudo foi maravilhosamente executado. Alguma coisa, porém, é preciso indicar na audição de ontem. Há músicas, com a Valsa do Minuto, que ORIANO nos deu de extra, e que já tinha tocado no primeiro concerto, onde sua interpretação e técnica pianística não permitem mais qualquer retoque. Nada mais há que fazer, pois ele já atingiu o máximo. Impressionou-nos muito, ontem, também, a maneira toda pessoal com que o pianista tocou o Noturno opus 48 N. 1. Pondo de lado aquele sentido aristocrático que geralmente lhe imprimem, ORIANO DE ALMEIDA mudou a interpretação, para dar-lhe uma feição saudosa e mais suave, o que constitui uma nova forma de viver a peça. Magnificamente bem executado, o Noturno, assim como o opus 15 N. 2, belíssimo, corrente, como um canto de regato. Na série dos 24 prelúdios opus 28, o concertista escolheu justamente os mais encantadores. O célebre Gota d'Água, onde se passa da tranquilidade inicial da primeira parte, para a agitação febril das visões aterradoras que Chopin sentira no mosteiro da ilha das Baleares. O outro, o N. 17, contém uma lindíssima linha melódica, que o sustenta até o fim, harmonicamente perturbado, se assim se pode dizer, por contraste, com aquela nota grave que se repete, como uma balada de morte e que nos dá a curiosidade de saber que pensamento tenebroso sobreveio, de repente, ao compositor, quando escrevera a obra... As execuções de ORIANO, aí, estiveram simplesmente maravilhosas. O Scherzo op. 31, inspirado em sua bem amada Maria Vodzinski, peça tão conhecida e tão difícil, que ORIANO executou em segunda audição, é

outra das obras chopinianas que não podem mais sofrer qualquer retoque de ORIANO. Ele a executa com soberba maestria, ao demonstrar toda sua capacidade técnica e virtuosismo brilhante. Por fim, a Valsa em La bemol maior, tão variadamente rica e encantadora, em que mais uma vez apreciamos uma interpretação muito pessoal de ORIANO. Apresenta alguns aspectos da execução de Dino Patti, com ligeiras mudanças de pausas, que ORIANO faz mais curtas. Valsa brilhante e brilhantemente executada. Por fim a Polonaise Op. 53, batizada a Heróica, porque realmente é das Polonaises, aquela em que o insigne Frederico exprimiu mais sobejamente a alma patriótica de seu povo sempre infeliz e sofredor, mas que até hoje se conserva com um elevadíssimo espírito artístico e especialmente musical. O domínio do teclado que ORIANO exerce é absoluto, nesta obra.

A assistência, vibrante de entusiasmo, exigiu, ao final, que o pianista desse um outro extra, o São Francisco, de Liszt, obra em cuja execução ORIANO já é exímio. É uma peça que lhe dará nome, como Fantazia do Hino Nacional deu a Guiomar Novais. Sua interpretação é portentosa, em que a peça contém, como é de esperar nas composições de grande magiar. ORIANO nos leva á praia, para que se veja como o santo avança paulatinamente ao encontro de ondas, com algumas indecisões a princípio, mas por fim com a resolução inabalável da fé, e firma os passos sobre as vagas voltada; afronta a tempestade, resiste a ela e a domina, com os olhos para o alto, mergulhado em profundo misticismo, desligado da terra, quando retrocede á praia, para voltar a seu recolhimento. É tudo isso que o gênio Liszt gravou na pauta e o talento de ORIANO DE ALMEIDA extra e do piano, conduzindo o ouvinte á cena e o engolfando no quadro beatífico.

Os prolongados aplausos do público, em dois grandes concertos, parecem suficientes á consagração de ORIANO DE ALMEIDA entre nós.

Correio de Aracaju, Aracaju, 08 de Junho de 1951.

Texto 27

Sociedade de Cultura Artística de Sergipe

Recital Ripoche

Finalmente, a Sociedade da Cultura Artística de Sergipe teve ensejo de oferecer a seus associados, justamente com a Sociedade Franco Brasileira, o concerto de Jacques Ripoche.

Dizemos finalmente porque motivos imperiosos forçaram, por duas vezes, a prorrogação do recital. A srta. Vera Cruz Pientznauer não pôde, à última hora, acompanhar o violoncelista. Este teve de alterar o programa e, quase por milagre, encontrou em Recife a notória de Paris, e que gentilmente aceitou em acompanhar Ripoche, após um ligeiro ensaio de três dias apenas. Sepois sobreveio a tragédia da Lap, Razão forte da segunda transferência da audição. A diretoria da SCAS foi obrigada agir com muito equilíbrio e muito cuidado, para dominar todos os contratempos. Neste sentido custou com o cavalheirismo de Jacques Ripoche, que soube compreender, e a solidariedade da sta. Canen. Enfim, tudo isso tem o seu lado bom, foi um teste para a cultura, que controlou galhardamente a situação.

Modificou-se o programa em face da circunstância, da maneira a termos sido, ontem um concerto leve, Nem por isso deixou de encantar a quantos lá estiveram. As qualidades do recitalista já eram conhecidas do nosso público, com o caprichoso programa de 1948. O concerto em ré, de Antonio Vivaldi, revela, de logo, a precisão do executante, que deu grande majestade ao largo e venceu as dificuldades do allegro final. É uma linda peça do compositor italiano do século dezoito, tão apreciado por Bach, e que foi um precursor da sinfonia.

O adágio e allegro op. 70, de Schumann, é uma composição típica do autor, com toda beleza que caracteriza sua música, Ripoche ofereceu na magnífica interpretação, na sonoridade, na precisão do arco, na justeza com que emprega a mão esquerda.

Seguem-se duas músicas de Fauré: Elegia, página encantadora, e Papillon, onde a recitalista teve novo ensejo de exibir sua técnica segura de arco e mão esquerda, especialmente, Os Spirituais de Lawtence Brown, agradam como música leve. São muito bem calçados no folclore negro americano do Mississipe. O primeiro e último, especialmente, são muito bem inspirados.

Prece, de Carlos Anes, foi-nos uma excelente revelação deste compositor brasileiro; grande inspiração, dentro de sua legítima interpretação do Ripoche.

A Habanera, de Ravel, deve ser composição de primeira fase do autor. Baseada em motivo espanhol, lembra outras composições do gênero.

Por fim, Requiebro de Oaspar Cassado, é uma peça de valor e que exige execução segura, tal como nos foi apresentada.

O concertista brindou-nos com dois extra bem escolhidos Villegeoise, música altamente tradutora do que o autor quis expressar, onde se reconhecem as danças de aldeia europeia, e um pequeno Minueto, de Mozart, tão do agrado das músicas de seu estilo.

Merece referência especial o acompanhamento da sta. Canes, sobretudo se levarmos em conta que era seu trabalho foi um miraculoso improviso, Quem, como nós, assistiu aos dois últimos dos raros cantos que ele teve tempo de fazer, e presenciou com que rapidez se amoldava à exigente interpretação do violoncelista, já pode bem aquilatar as grandes possibilidades de Rachel Canto. Saiu-se muito bem, especialmente a segunda parte do recital. Foi assim que a SCAS cumpriu mais uma de suas promessas.

Diário de Sergipe, Aracaju, 19 de julho de 1951.

Texto 28

Sociedade de Cultura Artística de Sergipe

Concerto Izabel Mourão

A Sociedade de Cultura Artística de Sergipe proporcionou aos seus associados mais um concerto de piano, ontem, à noite, desta vez a cargo da virtuose paulista Srta. Isabel Mourão.

Ofereceu-nos ela obras de Bach, Schumann, Vila Lobos e Chopin. Programa bem escolhido, iniciou se com uma peça tipicamente de estilo bachiano, embora seja uma transcrição de Boskoff. A interpretação, certamente por isso, tornou-se um pouco seca, não por culpa da intérprete, mas em face da natureza da obra, originalmente escrita para outro instrumento, de recursos muito mais limitados do que o piano.

Seguiu-se a sonata em sol menor, de Shumann, cuja execução agradou muito, sobretudo no andantino e no scherzo, movimentos que receberam de Izabel Mourão um desempenho excelente. Já aí a recitalista teve ensejo de revelar sua classe, impregnada, visivelmente, de tons e cores próprias da pianista, que assim demonstrava, aos que a ouviam pela primeira vez, uma personalidade definida.

A segunda parte constou de obras de Vila Lobos, onde os temas folclóricos foram tratados magnificamente pelo genial compositor patricio, “A Maré Encheu”, “Passa Passa Gavião” e “Festa no Sertão” constituíram os pontos altos da interpretação da jovem e talentosa pianista patricia.

A terceira parte foi de músicas familiares ao nosso público, com um scherzo, três estudos e uma balada de Chopin. O scherzo op. 39, ao que saibamos, teria sido executado, entre nós, pela primeira vez. A interpretação de Isabel foi muito boa. Os planos ás composições foram traçados com segurança pela concertista, e sua virtuosidade foi igualmente revelada nos três estudos. Notamos, apenas, que não houve pausa suficiente entre os dois últimos, executados

quase em ligação, para quem não os conhecesse. É uma minúcia, que em nada prejudicou a audição.

Com extra a concertista ofereceu-nos Caixinha de Música, de João Gomes e um Scherzo de Mendelsohn, este último muito bonito e corretamente executado. É do mesmo estilo do scherzo de Sonho de Uma Noite de Verão, daquele autor.

Izabel Mourão é dotada de ótimas qualidades artísticas e muita musicalidade. Sua segurança ao piano é integral. São firmes e cheias as suas oitavas. Igualmente hábil o jogo de braços e mãos. Sua escola, conquanto não definida tipicamente como única, se acha prenha de tons muito pessoais, parecendo que tenderá a um estilo próprio. Ao lado desses dons de equilíbrio artístico, Izabel Mourão possui controle pessoal em alta dose, mostrando-se inteiramente à vontade perante o público, pelo que se torna muito forte seu elevado poder de concentração. Muito jovem ainda, deverá fazer uma brilhante carreira. São os votos que lhe fazemos.

Educação. Somente agora a Sociedade baleus entrou numa incorporação de um edifício, cujo ceder térreo será dela, para seu auditório próprio, orçado em cinco milhões de cruzeiro. As campanhas de cadeiras cativas, já iniciadas, sob os melhores auspícios, por D Alexandrios Ramalho, e as reservas da Sociedade, com os saldos deixados em seguidos anos de existência, já somam cores de metade daquele montante. Aracaju encontrará também como resolver o assunto, agora ou mais adiante. Com um grande auditório, poderemos aumentar, de muito, o número de associados, para que a Cultura Artística sirva a todos quantos por ela se interessarem, sem ser preciso elevar as mensalidades, condição que tem sido principal escopo da atual diretoria, afim de que a SCAS seja acessível a quantos a procurarem.

Com a boa vontade e compreensão, cada vez maior, como tem acontecido até agora, de nossa sociedade da imprensa local e dos poderes públicos, chegaremos ao fim do que temos a mais firme confiança.

Na programação de 1952 deverão se incluir concerto de harpa, cantores de linha como a notável soprano patricia sra. Violeta Coelho Neto de Freitas, músicas folclóricas, ou melhor, calçadas em estilos que o folclore inspira, como o magnífico duo, que tanto sucesso tem alcançado no Brasil, Espanha, Portugal, Chile e Argentina, Mara Waldemar Henrique, que a SCAS já contratou para o ano vindouro. Quando dispuzérmos de palco, poderão vir quartetos ou sextetos de música de câmara, dansamos, pequenos grupos de Ketch, pequenos grupos corais, etc. E além disso um de piano. É longo o caminho que a nossa Cultura Artística tem a percorrer, mas ela o fará com a ajuda e o esforço de todos.

Diário de Sergipe, 17 de setembro de 1951.

Texto 29

Concerto IDA HAENDEL

Não há escurecer que a Sociedade de Cultura Artística de Sergipe marcou um tento, em seu espetáculo de ontem, no auditório do Instituto Histórico e Geográfico.

O concerto da violinista Ida Haendel constituiu um especial acontecimento artístico entre nós, conforme tiveram ensejo de verificar os que presenciaram. Artistas de qualidades especiais, é bem de ver seu absoluto domínio do instrumento, onde a precisão de manejo do arco é coberta por inteira segurança no jogo da mão esquerda. Ida Haendel toca com espontânea facilidade, na tradução das músicas do mais variado estilo, sacando do seu stradivarius a mais límpida sonoridade. Passa, com incrível rapidez e rigorosa precisão, de agudos a graves, de sons pianos para sons fortes, no demonstrar ao ouvinte o quanto pode dar o violino, quando manejado, como por ela, com técnica perfeita. E, realmente, uma recitalista de alta classe, e qualquer amante da boa música, mesmo o mais leigo, compreenda ontem, perfeitamente bem, os superiores dotes de intérprete segura e consciente que Ida Haendel possui, ao lado de conhecimentos bem sedimentados de todos os segredos do seu nobre instrumento.

Seria difícil destacar os melhores números do programa quanto às habilidades de exímia artista demonstradas pela concertista. A primeira parte formou o âmago da audição, com suas peças mais longas. A sonata N. 3 opus 12, de Beethovem, contém a eloquência de fraseado do gênio de Bonn. Sobretudo o adágio teria sido o trecho em que Ida Haendel melhor expressou sua sensibilidade. O ponto alto do programa, porém, pareceu-nos ter sido o concerto op. 64, de Mendelssohn, executado com todos os imagináveis requisitos de uma primorosa interpretação. É uma bela peça daquele compositor romântico do século passado, cheia da

vivacidade álcree que sempre caracterizou sua música, e a tradução da Srta. Haendel não poderia ter sido mais preciosa.

A segunda parte nos deu música moderna, com Strawinsky. “Divertimento” revela a musicalidade e o virtuosismo do executante, na agitação e burilado da peça, com frases que são verdadeiras lantejolas. Depois veio a suavidade de Brahms, na Dança Húngara n. 17, onde a recitalista obteve o melhor êxito de suas ternas passagens. A seguir, de Kroll, O Banjo e a Rabeca, onde a intérprete nos deu a conhecer e a sentir o duo que se estabelece, num brinqueado de gato e rato. Por fim, o grande mestre do violino, Paganini, através de Fantasia Moses, que foi um excelente término da apresentação.

Ida Haendel é uma artista já consagrada mundialmente. Ao tocar, revela uma justeza inteireza, onde não se descobre o mais leve vislumbre de hesitação. Tem uma extraordinária plasticidade de expressão, obtendo sons contrastantes e seguidos com a mais límpida justa posição. Foi, realmente magnífico e soberba a sua interpretação.

Merece especial resgistro o acompanhamento de Alfredo Rossi, de extraordinário brilho. É um pianista seguro.

A recitalista não deu bis. A plateia aplaudiu-a calorosamente, mas ela, pela falta de hábito de não tocar em palco, recolheu-se ao camarim, onde iria aguardar a insistência dos aplausos, para voltar à cena e dar os extraordinários. De sua vez, nosso bom público tomou sua ida ao camarim como tendo a artista se furtado ao bis e retirou-se do salão. Seria uma indelicadeza se fosse o caso, e aqui damos a explicação, que ouvimos dela pessoalmente. A continuação nos dará o costume de perceber essas pequenas nuances. Com o tempo aprenderemos, por exemplo, a não bater palmas entre os movimentos dos concertos e sonatas: não é preciso entender a música, é só prestar atenção... Com o tempo, compreenderemos que alguma coisa essencial nos está faltando, para recebermos artistas de primeira grandeza: um bom piano, por

exemplo, stanicay ou balduurin, para solistas do instrumento, assim como um auditório, com palco. Sonharemos com tudo isso, que um dia poderemos ter...

A presença da Sr. Alexandina Ramalho, presidente da Sociedade de Cultura da Bahia em nosso recital, como hóspede da S.C.A.S., tem para nós marcante significação. O que nos declarou em palestra foi que sua visita expressava o interesse que tem, de que a nossa Sociedade vá para frente. Quer ajudar-nos Quer nos enviar grandes artistas, estrangeiros e nacionais, em conexão com os contratos da SCAB, como aconteceu com Ida Haendel. Já nos acenou com a vinda até aqui, no próximo ano, da notável cantora brasileira Violeta Coelho Neto de Freitas. É uma amizade que devemos cultivar.

Correio de Aracaju, 26 de setembro de 1951.

Texto 30

Audição Arnaldo Rebello

Felte Bezerra

Muito interessante o programa que o pianista Arnaldo Rebello apresentou ante-ontem, em seu recital na Sociedade de Cultura Artística de Sergipe, interessante pela extrema variabilidade, que revela a alta capacidade auditiva do artista e seu temperamento amoldável aos mais diferentes gêneros musicais.

Foi-nos uma agradável surpresa a execução de Alceste, verdadeiro presente com o sabor característico das composições do século XVII, que o concertista interpretou bem. A música de Lully preparou-nos, assim, o espírito para ouvir Bach, que seguiu ao compositor florentino. A música bachiana, dentro de sua pureza e religiosidade, afluía naquela ária, em que a execução de Arnaldo Rebello foi integral. Tocou-a com absoluta igualdade, como se presente e a escutá-lo estivesse o insigne organista, de fisionomia sorridente, em alegre aprovação, a imaginar: “Foi isso mesmo que eu escrevi...”

Repentinamente o recitalista mostra sua técnica sedimentada e seu virtuosismo, na tradução do grande Beethoven. O “Côro dos Derviches” na transcrição de Sait-Saens, foi um dos pontos altos do programa de ontem. Obra cheia, que traz o cunho grandiloquente do gênio de Bonn, encontrou em Arnaldo Rebello uma expressão repleta de grandeza e estilo.

As peças de Brahms e Mendelssonhn trariam as assinaturas de ambos os compositores. A Balada do primeiro é típica, cheia de terno romantismo, que Rebello tocou com muito sentimento.

John Field, o irlandês de modos desabrigados e grosseiros, tinha por baixo da máscara o encanto lírico dos noturnos, criação sua, que havia de preparar o caminho para Chopin. Eis outro dos grandes números do programa. E de tal ordem se deixou impregnar da sequência o

recitalista que, depois de nos dar uma polonaise chopiniana diferente, mais sempre uma tradução revolucionária e a patriótica do país sofredor, ofereceu-nos ele, num gesto incontido de quem completava alguma coisa deixada em meio, aquele maravilhoso noturno póstumo em dó sustenido menor, lídimo significado da ternura e tristeza de genial polonês. A assistência sintonizou em vibração com o impecável desempenho do concertista. Foi um glorioso encerramento da primeira parte da programação.

Na segunda parte, conquanto tudo fosse do nosso agrado, três números se destacaram pela conjugação de autores e intérprete: as Bagatelas de Tchrepnine, dez peças curtas e contrastantes, onde a execução do recitalista foi magnífica: a dansa argentina de Gustavino, representante da música nacionalista portenha, e a Valsa da Dor, de Vila Lobos, uma surpreendente inspiração do mestre brasileiro, verdadeira página de ouro, Rebello a tocou com excepcional expressão.

A espontaneidade e a contagiante alegria do espírito simples do concertista levou-o a uma sequência de extraordinários quase todas as músicas nacionais em que se vê bem a acentuada preferência do pianista. Evocou, em distraídas páginas, Exemplo Nazaré, oferecendo-nos ainda aquela poesia deliciosa que é o Poema de Fibsch.

Arnaldo Rebello é um perfeito virtuose e uma legítima alma de artista, com elevada soma de conhecimentos de técnicas pianística e senhor dos segredos dos mais completos dos instrumentos. Sua arte tanto tem de interpretativa como de espontânea; jorra continuamente da fonte inesgotável de sua sensibilidade de musicista nato.

Correio de Aracaju, Aracaju, 06 de outubro de 1951.

Texto 31

Centenário de Aracaju

Aproxima-se o ano de 1955, em que Aracaju vai comemorar o seu primeiro centenário de existência. A cidade artificial, criada por Inácio Barbosa, necessita de um registro imperecível para o evento. Parece-nos que não haveria melhor do que a sua história, escrita e publicada naquele ano. Seria um livro marcante, segundo opina, em carta que nos dirigiu, o nosso estimado José Calasans Brandão da Silva, sem sombra de dúvida um dos mais representativos elementos da atual cultura sergipana, hoje atuando no cenário das letras baianas. A sugestão de Calasans é longa e, tanto quanto possível pormenorizada, por isso que nos comprazemos em expô-la aqui, para início de cogitação do magno assunto.

Uma História de Aracaju em dois volumes, de 300 a 500 páginas cada qual materialmente a cargo do Estado e da Prefeitura, e intelectualmente sob a responsabilidade de escolhidos intelectuais conterrâneos, de continuidade com as especializações nos capítulos de que constasse a obra. É evidente que o patrocínio de tal livro há de estar com as associações culturais da terra: o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe é, por todos os títulos, a entidade a quem cabe o dever de dirigir a leitura da obra. A seu lado devem formar a Academia Sergipana de Letras e o Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura, secção de Sergipe, bem como outras sociedades congêneres que se interessem por aderir ao movimento.

Calasans aponta, entre outros que poderão ser lembrados, os seguintes capítulos: Origens de Aracaju, A mudança da Capital, Inácio Barbosa - ; Desenvolvimento urbano, A planta primitiva. Planos urbanísticos. -; Desenvolvimento econômico, Importância econômica do porto. A industrialização. O papel das ferrovias e rodovias. O comércio aracajuano -; Vida política, As lutas políticas no Estado. No tempo do Império. Revolta de Fausto Cardoso. Revolta de Maynard -; Vida Literária, A imprensa. Associações, Vultos literários, -; Vida

administrativa. Repartições municipais. Prefeitos mais notáveis. Serviços públicos estaduais e federais, -; Atividade educacional. Ensino público e particular, Grandes mestres. -; Problemas de saúde pública. Epidemias. Médicos -; Vida judiciária. A comarca. O tribunal de justiça. Grandes causas -; O folclore. Festas tradicionais. Brinquedos infantis -; Bibliografia aracajuana. Livros sobre a cidade. Autores aracajuanos.

São as primeiras sugestões de Calasans. Naturalmente, acrescenta ele, este esboço pode ser reordenado, ampliado, reduzido, substituído, mas deve ser desde já planejado, Calasans também lembra vários nomes: Fernando Porto, Garcia Moreno, José Augusto da Rocha Lima, Mário Cabral, Walter Cardoso, João Dantas Martins dos Reis, Severino Uchôa, Carvalho Neto, Gonçalo Rollemberg Leite, Epifanio Dórea, Manuel Ribeiro, Manuel Cabral Machado e, adiantamos nós, à frente de todos eles o próprio José Calasans. E há muitos outros nomes que poderiam contribuir para um livro desta natureza. Em nossa opinião, há assuntos que seriam tratados por um só, mas outros que poderiam ser trabalhados por um grupo; assim como intelectuais que poderiam contribuir em mais de um capítulo, tudo de acordo com as especialidades de cada qual.

O Governo do Estado instituiria, oficialmente uma comissão encarregada da publicação, e esta reuniria os nomes indicados, e outros mais, para uma mesa redonda, afim de que ficasse definitivamente assentado o plano do livro e cada intelectual tomasse a si uma determinada tarefa, nos moldes em que acima foi aventado.

É claro que os trabalhos de coleta e pesquisa, o rebuscar dos arquivos, deve começar desde agora, afim de que a obra possa, realmente, ser editada em 1955. Todos os nomes apontados são de pessoas ocupadas em suas tarefas rotineiras e necessitam boa margem de tempo para, ao lado disso, darem sua contribuição. Têm responsabilidade no que vão coligir e escrever. É trabalho a ser cuidadosamente pensado, pois será uma contribuição histórica de valor inestimável, tanto maior quanto mais honesta e imparcialmente escrita.

A sugestão aqui fica. A ideia lançada. Contamos que outros se manifestem a respeito, com a boa vontade e o sergipanismo que devem nortear a intenção.

Aliás, nós iríamos além da sugestão de Calasans. Já é tempo de se escrever uma nova História de Sergipe. A única de que dispomos, a de Felisbello Freire, sem embargo do valor documentário que encerra, está a exigir uma completa remodelação, no fundo como forma. Já agora não é obra para um só, mas para um grupo. A ideia da História de Aracaju pode-se ampliar para a de uma História de Sergipe, com um, ou alguns, a cargo de cada capítulo. Acreditamos que nossos homens públicos, em dia não muito longínquo, patrocinarão a causa, num inestimável serviço que prestarão às futuras gerações sergipanas e à cultura nacional.

Diário de Sergipe, Aracaju, 9 de outubro de 1951

Texto 32

Bilhete a Iracema de Alencar

Não vos trataremos aqui, especialmente, os merecidos elogios ao vosso trabalho. Sois um nome conhecido no teatro nacional, o suficiente para dispensar apresentações encomiásticas, que não é o objetivo agora em vista.

Já tendes vinda a esta cidade, de outros ensejos, e ninguém põe dúvida nos vossos amplos recursos da arte de representar, só encontrados nos artistas que, como vós, possuem a verdadeira e autêntica vocação. Fossem necessárias outras demonstrações, seria bastante, mais que bastante, a magnífica atuação que revelastes no segundo ato de “A Felicidade não Espera”, onde o desempenho impecável das cenas finais constituiriam um atestado eloquente de vossa capacidade artística. É que não vos contentais em expressar o que foi escrito; o papel vós, na realidade o sentis, como transparece claramente nas minúcias dos gestos e atitudes, na expressão fisionômica, nas entonações de voz, elementos todos de que dispondes, simultaneamente, na execução da mamãe Amália tão fielmente traduzida.

Outro, porém, o nosso intuito, nestas frases ditas de público. Os parabéns e os aplausos que vos enviamos, a vós e ao vosso elenco homogêneo e seguro, exprimem contentamento pelo vosso repertório, com o qual se documenta, irrefutavelmente, que, apesar de todas as deturpações e todos os desvios, das esdrúxulas inovações de um realismo intencionalmente desvirtuado, que só se quer fazer valer pelo sal da gíria, do calão até, dos sentidos dúplices, das teses que pregam a dissolvência e o desregramento da sociedade, - tudo isso embora,

ainda há e sempre haverá lugar para o são teatro, que debate assuntos reais e comuns, prosaicos mais verdadeiros, onde os temas são tratados a cru, mas se conservam num nível de equilíbrio e de justeza, à altura do valor insuperável da legítima arte cênica.

Tentamos, de outro lado, significar-vos que existe plateia para vosso teatro limpo e elevado; que se não perde com a extinção dos sons das vozes que se fazem ouvir no palco, nem a criação do escritor, nem a interpretação daquele que, pela arte e em nome dela, concretizam o pensamento de quem haja tratado peças sérias, para público que se deleita e estesia, mas também medita os argumentos desenvolvidos.

Provais, com o vosso teatro e o vosso conjunto harmônico, todo de artistas capazes e honestos na ação e na expressão, que ele se reveste de uma dignidade que não deve nem pode ser malevolamente quebrantada, pois seus prosélicos mais inteligentes e de visão mais arguta, impedirão a sua decadência, não permitindo jamais que ele resvale para planos inferiores. Nossas palmas, portanto, também se estendem aos vossos companheiros, aos antigos conhecidos, como o velho e sempre bom lusitano Domingos Terra, ao Carlos Duval, que já mostra grande progresso em sua performance, em cotejo com a atuação, no passado, na companhia de Procópio, bem como às novas amizades que agora fazemos, como Lúcia Regina, Ervy Dorly, Cúrcio e os demais.

Compreendemos, sra. Iracema de Alencar, como tendes sempre presente que a arte é coisa sublime; prova devemos concorrer para manchar-lhe o brilho único, mas sempre para avivar-lhe a chama; crescente e ardorosa, que lhe é a própria essência.

Diário de Sergipe, Aracaju, 11 de Dezembro de 1951.

Texto 33

Teatro de Amadores

Severino Uchôa nos deu a conhecer, faz pouco, seus inegáveis recursos intelectuais, aplicados ao gênero do teatro. O trabalho com que iniciou essa nova atividade nas letras demonstra claramente que ele poderá tornar-se um nome conhecido no país, entre os que escrevem para o palco. “A chave do Paraíso” é uma comédia interessante, visada em fundamento social honestamente tratado com ligeiras restrições a certas referências pouco explícitas, que poderiam dar falsa impressão das ideias pessoais do autor, não fosse ele de nós tão sobejamente conhecido em sua formação espiritual. A explicação talvez esteja no modelo que o inspirou, incontestavelmente o estilo de Joracy Camargo. Aliás, já isso fora antes anotado pelo ilustre crítico Mário Cabral, cuja apreciação sobre a obra Severino Uchôa subscreveríamos de bom grado.

É um novo gênero literário que se trata entre nós, na época presente; gênero difícil, quando o escritor quer fugir ao trivial e ao lugar comum. Escrever para teatro é coisa delicada, por que o bom êxito não depende só do autor, mas dos artistas que viverão a peça. Entre nós há um outro ensaísta que, tudo leva a crer, enveredou também pelo mesmo caminho. Trata-se do Sr. Paulo Barreto, que não veio das letras para o palco, mas percorreu estrada inversa. Tanto mais meritório o esforço. Já foi representada uma comédia sua, em teatro de casa, a que infelizmente não assistimos. Anuncia ele agora um novo argumento, “O Amigo das Estrelas”, que contamos apreciar quando levado à cena.

Nestas circunstâncias, está criado o clima necessário à formação, entre nós, de um teatro de amadores, novo setor de manifestação artística que merece exploração quanto antes. As peças escritas precisam ser exibidas, afim de que seus autores se animem à continuação do gênero de teatro. A nossa Cultura Artística, dentro no que reza o artigo primeiro de seus

vigentes estatutos, está disposta a emprestar seu apoio e seu estímulo a iniciativas desta ordem, desde que sob a responsabilidade idônea de dedicados ao assunto. E já não podemos nos queixar de que em nosso ambiente faltam ensaiadores. Eles serão encontrados, indubitavelmente. Também já ninguém fazia ideia de que possuíssemos condutores capazes de encenação e montagem de gênero revista, mas “Tapete Mágico” agora, como “Ritmos e Bailados” há pouco, são provas inequívocas do quanto vale a inteligência sergipana nesse terreno. As mesmas felizes responsáveis por aqueles empreendimentos de alto significado artístico, talvez se quisessem incorrer do trabalho da preparação de comédias. Por fim, vocações artísticas não nos faltam, do que ninguém mais tem dúvidas, depois de excelentes espetáculos como os a que acima aludimos.

Não há negar que a arte exige técnica, estudo, escola; mas ela existe como manifestação estética do espírito humano. Ela está no sentir, no interpretar, obtidos por processos que poderá obedecer a determinadas normas, para seu melhor rendimento; porém inquestionavelmente a sensibilidade e a inspiração artísticas são inatas, e é um dever da cultura mobilizar recursos para despertá-las, encaminhá-las ampará-las, prestigiá-las honesta e sinceramente.

Repetimos que a Sociedade de Cultura Artística esta disposta a dar o seu apoio, na medida de suas possibilidades.

Correio de Aracaju, Aracaju, novembro de 1951.

Texto 34

Severino Uchôa e sua “chave do Paraíso”

Quando alguém publica seu primeiro livro, a expectativa esta na feição material que o volume apresenta, para que impressione bem o leitor, segundo a aspiração, muito natural, de quem o escreveu. Para o autor de uma peça de teatro, aquela sensação é provocada com a estreia da obra no palco, de acordo com o ajustamento dos autores aos tipos criados pela imaginação do escritor.

O Sr. Severino Uchôa teria, certamente, se sentido bem com sua “Chave no Paraíso” levada à cena pela Companhia de Comédias que ora nos visita. Acreditamos que suas personagens tenham sido encarnadas satisfatoriamente para quem as idealizou, como o foram para a assistência, Carlos Durval é um ótimo artista e traduziu bem o velho Fagundes, com seus achaques e sua neurastenia de velho abastado, a quem não havia ocorrido a lembrança de ser útil à humanidade, sem prejuízo de seus muitos haveres acumulados. Seus males seriam parcialmente curados pela inteligência e argúcia de um pseudo-enfermeiro que, sem ser médico, bem sabia, através de forte cultura geral, que a medicina moderna é psicossomática. Interferiu no modo de viver do velho Fagundes, para lhe dar o consolo de um resto de vida feliz, sem que o livrasse, e óbvio, das consequências do aneurisma que o matara. Italo Cúrcio foi se bem no jovem Roberto, muita performance, só concebível num falso enfermeiro e num homem intelectual por excelência, com os sonhos de reformas sociais e um grande desejo de subir, de aparecer, em luta acesa contra a minusvalia do anonimato. Ele revelou contento, à plateia, o que o Sr. Uchôa arquitetou na comédia.

A intérprete de Solange, mau grado certa pressa de desenvolvimento do papel no primeiro ato, onde era evidente o seu nervosismo, foi pouco a pouco dominando a emoção e, por fim, equilibrou-se, tendo o seu desempenho melhorado sempre. O nosso Ednaldo Rezende agradou

como o Dr. Lauro; suas falhas estiveram apenas em algumas atitudes, pois a leitura da peça nos sugere, no médico, um homem de maior sobriedade mental. Domingos Terras é um artista inteiriço. Deu-nos um excelente Lourenço, até nos cacos introduzidos nos diálogos pelo ensaiador, ou talvez por própria improvisação. Isso, aliás, também cabe aos outros, em especial ao intérprete do velho Fagundes. Elvy Dorly é atriz de recursos; perfeita no papel caricata da desfrutável D. Conceição. O prof. Moreira deu seu recado e fez bem em simplificar tanto latinório que está no argumento, pois aquilo é meio complicado de dizer e ouvir.

Parece-nos, assim, Sr. Severino Uchôa, que sua primeira peça de teatro, levada à cena justamente em casa, entre nós, teve uma feliz estreia. Com tão raros ensaios, não seria possível fazer mais do que o fizeram os que integram o conjunto de Iracema de Alencar. Pequenas falhas a corrigir, mas segurança na ação verbal dos que representaram, para evitar a voz alta do ponto, somente a repetição da peça poderá sedimentar. A comédia está bem urdida. A falsidade da condição de enfermeiro, que pretendeu ser acidentalmente, fica explícita, no desenvolver do argumento. Se não foi esta intenção do autor, aceite-a de bom grado, que ela empresta um aspecto muito interessante ao seu trabalho, inegavelmente merecedor de elogio e aprovação como obra literária.

Certamente outras produções estarão a caminho. Com o tempo far-se-á a eliminação de alguns lugares comuns e firma-se-á o cunho pessoal do escritor, em obras do gênero.

O Sr, Severino Uchôa tem visível queda e as qualidades dos que escrevem para o teatro.

Diário de Sergipe, Aracaju, 28 de dezembro de 1951.

Texto 35

II Exposição da S.S.F.

A Sociedade Sergipana de Fotografia acaba de realizar sua segunda exposição, com idêntico brilhantismo e igual animação à da primeira, no ano passado. É, pois, uma associação há pouco fundada, mas que se vai impondo ao aplauso público, por suas realizações e o interesse artístico que vem despertando.

Como em toda associação, há um grupo vanguardeiro, propulsor, verdadeiro núcleo onde emana toda a pujança da Sociedade, que constitui a indispensável margem de segurança para seu progresso e vitória.

Disso nos deu prova o calor de oração de Celso Oliva, ao ser aberta a II, exposição. No arrobo das expressões, no retrospecto, que fez, das origens e evolução das artes cujas impressões recebemos através do sentido da visão, quis relacionar a estrutura e a pintura com a moderna arte fotográfica, na qual a sensibilidade e a inspiração não se deixam vencer pela indispensável técnica, que regula a luz nas lentes e focaliza os objetos.

Com aquele fervoroso animador formam José Apostolo de Oliveira Neto, Paulo Costa, José Fonseca Sobrinho, Humberto Lima Aragão, Carlos Cabral Duarte, Lélío Passos e outros que vão engrossando a caudal dos que cultivam o engenho e a estética na fotografia.

Parece-nos que a 1^o exposição foi mais rica em variedade e talvez, mesmo, em originalidade. Isso não significa todavia, que a II exposição esteja fraca, não. Há excelentes fotografias e brilhantes arranjos, onde às vezes se fica indeciso no apreciar melhor, se a arte, se a técnica.

Os especializados observarão as minúcias da distribuição e equilíbrio das massas, os efeitos de luz e sombra, que é a verdadeira ciência da fotografia, as categorias de gêneros, de portraits, de paisagens. Nós leigos, no entanto, vamos ao sensorial, apenas. Sentimos o efeito

das impressões, dos que nos provocam os quadros expostos, do que mais de pronto nos toca a alma e a inteligência. Somente com esses olhos podemos enxergar a beleza da Exposição.

Nas fotografias de composição, duas se nos afiguram de real valor: Recordação e Mocidade Distante. Ambas do mesmo estilo, reúnem arte e técnica, completadas por títulos adequados. Porque, a nosso ver, o título integra, indiscutivelmente, a cena que o fotógrafo teve em vista fixar. Neste aspecto, não aceitamos o ponto de vista do nosso prezado Seixas Dórea, de que um livro, ou uma película cinematográfica, não deixam de ser bons porque possuam títulos mal postos. No caso da fotografia o título nos parece quase essencial. Ele nos diz o pensamento do autor ao obter a chapa; por aí podemos aferir-lhe o grau de penetração e o que a inspirou a obtê-la.

Entre os retratos, e os há vários muitos bons, dois nos atraíram mais fortemente atenção; Após o Banho e Retrato N. 41. O primeiro é uma maravilha e nitidez, ajudada pelas salientes curvas do rosto fotografado.

Vê-se ou melhor, sente-se bem a parte da face ainda molhada e a já enxuta, e as gotas d'agua são de uma inexcédível autenticidade. O segundo é uma grande imagem. Uma fisionomia de homem, em que toda a expressão será no olhar. Tudo se resume nos olhos: eles são o centro de gravidade do retrato, e em sua função gira o resto do quadro. Dir-se-ia que, aquela obra, o autor quis trasladar para a arte fotográfica a escola simbolista da poesia e da pintura, que produziu o impressionismo musical. Aquele olhar pode ter muitas significações. Será um predestinado, um louco ou um santo; ou um homem comum, num instante da grandiosa exaltação, pejado de fé e de amor a Deus... O espírito do observador é que “interpreta a fotografia”.

Há mais trabalhos interessantes e sugestivos. Estudos da luz, de que são magníficos exemplos. A margem da vida, Composição, Viela, onde se combinam as linhas e as sombras. Nós modernos, há imagens fieis, como Punhos de Aço, e bem lembrados com a sequência.

Difícil fora a incumbência devida ao triunvirato, a que se atribuiu poderes de julgamento da melhor a paisagem, para disputa da taça “Antonio Militão de Bragança”. A comissão levantou uma preliminar, que foi demoradamente discutida. Tratava-se de saber se Espumas, o quadro de Jaime Moreira, de Niterói, era ou não paisagem. Fernando Porto negava-lhe essa qualidade, enquanto Seixas Dória pensava em oposto. Nossa incompetência técnica, no caso, impossibilitou-nos a decisão por um ou outro. Opinamos que, se realmente aquela fotografia fosse uma paisagem, votaríamos com ela, ao lado de Seixas Dória; mas estávamos contra ele, e com Fernando Porto, em que o título indicava a intenção do autor de dar plano saliente às espumas, desprezando o fundo da tela, hipótese em que seu desejo teria sido apanhar uma fotografia de gênero chamados à arbitragem da preliminar, os técnicos da Sociedade endossaram o parecer de Seixas Dória, pelo que coube, realmente, a Espumas, o prêmio instituído por Hieranto Garcia Moreno, outro grande animador da Sociedade de Fotografia.

Nem tudo, porém, são elogios. A exposição se repetiu um pouco, em certos lugares comuns. As praias arenosas, as paisagens muito semelhantes as outras, pelos temas; os retratos de pouca significação e, sobretudo, uns Nús em que nada existe de artístico, como deixam transparecer os próprios títulos tão vagos, Estudos... Abstenção feita da influência freudiana, não enxergamos onde ali exista arte. Salva-se, no entanto, um deles, intitulado Linhas, em que a arte se exhibe flagrante, no contraste das curvas femininas com o campo negro, de metade fotografia, limitado por uma reta. Afinal de contas é uma exposição; natural que apareça de tudo, e é isso que lhe faz a riqueza.

Entre os autores locais, já existem fotografias excelentes. Caprichos do Vento, de Hugo Ferreira, é digno de figurar em qualquer exposição mundial, como técnica, como ideia, como limpidez de projeção.

Nossos parabéns à Sociedade Sergipana de Fotografia e a seus artistas e entusiastas impulsionadores.

Correio de Aracaju, Aracaju, 28 de dezembro de 1951.

Texto 36

III Exposição da sociedade Sergipana de fotografia

Não nos pareceu rica em grandes quadros a III exposição fotográfica da Sociedade local. Continuamos firmados no mesmo ponto de vista, de que uma das coisas mais importantes numa chapa fotográfica é o seu título. Sentimos, assim, que abundavam as denominações inexpressivas ou mal postas. É o que ocorreu, por exemplo, de referencia a duas fotografias em que os títulos evocam músicas do genial Chopin. A primeira, chamada prelúdio n. 15, não tem razão de ser. Mostra porções de água derramadas numa superfície impermeável, um encerado de mesa. Não enxergamos relação com o célebre prelúdio, cujo nome, posto, não pelo autor, deve evocar a impressão puramente acústica, da gota dagua que bate, monótona e lugubremente, no chão, compassada caindo do alto, de uma goteira. A segunda ainda se inspira noutra peça do imortal pianista e compositor, opus 9 n. 2, um dos mais belos e o mais conhecido dos noturnos chopinianos. A fotografia, no entanto, nada sugere que se ligue a um noturno, é absolutamente inexpressiva quanto ao título que lhe deram.

Com os portraits acontece a mesma coisa. Alguns estão prejudicados porque, tirados muito de perto, não apresentam o sentido de profundidade e relevo indispensáveis a uma boa fotografia; outros, felizes tecnicamente, estão sem alma, isto é, estão sem um título adequado, que lhes de vida. Um exemplo é o quadro n. 152, retrato da Srta. Erecick. A fisionomia se prestaria bem a um título interessante, o que não ocorreu ao frio fotógrafo. Há, todavia, alguma coisa boa neste aspecto. O retrato nomeando Sofreguidão está bem apanhado e traduz com acerto a gulodice com que o velho toma o alimento. Outra fotografia de título ajustado é,

Hein? Um homem, mergulhado na leitura do jornal, atende a alguém que o chama; está excelente.

O subjetivismo das denominações ainda realça em outras boas fotografias, tais sejam Tudo acaba e Recordando. No grupo se inclui Culpada, se bem que seja uma fotografia de composição.

Outros quadros valem mais pelo modelo do que pela técnica o de n. 126, Não! Seu valor é a expressão fisionômica de quem posou, a notável atriz Maria Dela Costa. Poderia o técnico, Paulo Derly Strehl, ter sido mais feliz com outro nome para o retrato.

A fotografia chamada Silhueta, de Humberto Lima Aragão, está muitíssimo bem apanhada. Trata-se de uma superposição de chapas, onde as linhas dos perfis de dois rostos de mulher vão coincidir na dobra do mento e início do pescoço. É um bom trabalho do nosso conterrâneo.

A melhor chapa da exposição nos pareceu ter sido o quadro de Francisco Albuquerque, Dramas da Vida. Não Admira, pois é ele o maior fotógrafo profissional do Brasil, segundo geral opinião de conhecedores. É um quadro completo, porque subjetivo e objetivo ao mesmo tempo. Numa ponte, enfileiram-se, de um lado automóveis e ônibus, enquanto á margem três pescadores procuram ganhar penosamente a vida. O contraste é bem feito. Impressionou-nos a felicidade com que a chapa foi batida Fotografia noturna, há carros com farol de estrada, outros com faloretas outros de luz apagada. Se os veículos estavam em movimento, achamos difícilíssima a habilidade para fixar carros em instantâneo. Mesmo que operador aproveitasse uma parada geral, foi rápido e preciso na iniciativa e alcance que obteve.

Há fotografias delicadas, como Neblina; filosóficas, como Tudo Acaba onde a lâmpada acesa, viva, está “risonha”, enquanto a outra, queimada morta, “chora” o seu fim... Existe as, também, vãs de senso, como aquela cujo título em nada justifica a aparição de um seio de mulher. Não nos opomos a que o nu seja arte, em pintura ou fotografia. Apenas observamos,

em outro nu, de corpo inteiro de mulher, aliás bem fixado tecnicamente, que ela esconde o rosto na basta e revolta cabeceira. Se o nu é arte, porque ocultar a face? O pudor do modelo seria inconcebível. Se foi insinuação do operador, tanto mais evidente a ideia...

A gentileza dos organizadores nos incluiu ente os julgadores da melhor paisagem. Os quadros eram poucos no gênero; a dificuldade esteve em encontrá-los, que nos ferissem, especialmente, o interesse. Paisagem Nordestina, de Arício Fortes, está bem apanhada, mas o tema é cansado. Recortes da baía de Guanabara ou outros conhecidos recantos geográficos pecam pela feição sedíça. A comissão decidiu-se, por fim, pela chapa do nosso conterrâneo Carlos Cabral Duarte, Dunas, que lhe pareceu mais cheia de minúcias, apesar do nome também muito castigado. Nossos companheiros de arbitragem, Tavares de Bragança e Seixas Dória, resolveram-se logo pelo quadro citado; nós pensamos tudo e concluímos por acompanhá-los.

São notas de impressão pessoal. Pois o leigo não tem autoridade para um juízo melhor.

Correio de Aracaju, Aracaju, 28 dezembro de 1952.

Texto 37

A obra de um homem

Por sua multiplicidade de serviços, por sua vasta gama de trabalhos, pelas provas de sobeja eficiência, pela cordialidade e espontânea benevolência de quantos ali colaboram, o Hospital de Cirurgia de Aracaju se impoz à confiança e admiração do povo sergipano.

Mesmo os olhos frios do conhecedor habilitado, ou o do julgador sereno e objetivo, que se dispa, de todo, o subjetivismo sentimental, para considerar unicamente a eficácia e a utilidade, ninguém visita aquela casa sem se deixar empolgar pelo que ali testemunha, na valorização da obra e seu elevado índice de rendimento. Nem de outra maneira se poderia entender a ajuda material dos governos e dirigentes, se seus órgãos técnicos não encontrassem, naquele Hospital, a aplicação de verbas a ele destinadas, num desdobramento extremamente aproveitador, que só excepcionais qualidades de tino administrativo e incansável interesse de servir, poderiam obter.

Mas, com o advento da medicina psico-somática e a importância, maior a cada dia, da personalidade individual e sua proteção e comportamento no setor do grupo social onde atua, um núcleo como cirurgia não pode se restringir aos valores estáticos de sua aparelhagem e instalações, como não apenas ao dinamismo automatizado dos que unicamente assim agissem, no exercício das atividades profissionais. Uma casa como aquela não é apenas salões bem divididos e iluminados, maquinaria moderna, leitos limpos. Mais, e muito, do que todas estas coisas, ela é um centro de conduta e receptividade do espírito humano, é um dos vários ângulos e caminhos de recuperação social, é um abrigo onde se extirpam tecidos imprestáveis, se regeneram células, se alimenta e enrijece o corpo, mas também se ampara e readapta a natureza humana, no conduzi-la, de volta, a suas rotineiras funções, ou no garantir-lhe a imperiosa satisfação dos reclamos legitimamente biológicos de sobrevivência e continuidade,

na previsão de uma margem de segurança, cada vez maior, de vidas atuais, a meio caminho, que mal se iniciam ou que virão em futuro muito próximo.

No Hospital Cirurgia há excelentes e completas salas para as intervenções, clínicas especializadas, radioterapia, laboratórios, maternidade, que sei mais. Sobretudo, porém, sua ação se torna desmesuradamente valiosa, aos olhos não só de médicos, mas também de pedagogos, de sociólogos, de pensadores, de religiosos, dos homens de reflexão, que observam e compreendem, que enxergam os recessos mais íntimos das criaturas e de seus multiformes problemas e conflitos, quando acolá encontramos um serviço pré-natal, um clube de mães, uma moderníssima escola de enfermagem, o interesse integral dos pediatras na salvação na salvação e ajustamento da infância. Uma casa onde cuida, com extremo carinho, da mãe e da criança, só por isso se prestigia no sentido patriótico, social, humano e cristão. Por tanto mérito, por tantas maravilhas que orgulham uma terra pequenina e falha de recursos como a nossa, quem visita o Hospital de Cirurgia nele não vê apenas o conjunto anatomicamente rígido de aparelhos e instrumentos. Atrás de toda essa inanimada aparência, divisa-lhe uma alma. E ela lá se encontra, no espírito abnegado dos seus artífices na essência puríssima do coração de seu criador, realizador e eterno animador de sua vida ascensional altamente produtiva, o Mestre vibrátil mas ponderado, emotivo mas de pulso firme, cheio daquela prudência de que se capacitam os que realmente sabem alguma coisa, e bem, revestido de caráter privilegiado, onde nenhuma mácula lhe tolda a ação e todos os frutos são igualmente belos.

Esta alma do Hospital agora se descerra, mais concretamente, para os que ainda não suspeitavam sua existência; na execução das Primeiras Jornadas Médicas, para o balanço e o depoimento de todos para um e de um para todos, afim de que, na comunhão dos mesmos triunfos, na participação dos mesmos insucessos, na identificação dos mesmos anseios, posam melhor desempenhar suas precípuas tarefas, no cuidado ao paciente.

Estas jornadas merecem uma outra etapa na história do Hospital de Cirurgia. Abre-lhe novos horizontes, de rentabilidade e perfeição de trabalho, criam outras perspectivas para os médicos de seus corpos clínicos e cirúrgico; porque atuam como *Lea ving element*, poderoso fermentador de sucessivas energias, para o estudo e as pesquisas, virtuoso estimulante para mais detidas observações, mais profundos exames, perquirições mal desenvolvidas, achados mais proveitosos, tudo isso em louvor da cultura indígena e em função da recuperação do homem sergipano.

Elas serviram, já, de prova para aferir a capacidade expositiva dos nossos homens de ciência, dos biólogos, dos cirurgiões e dos especialistas que ali atuam, num trabalho largo de equipe, em que se houveram com o melhor dos êxitos nas comunicações.

Na eficiência dos apartes, de estilo acadêmico mas de fundo seguro e oportuno, ensejou-se a cada expositor a contraprova de domínio dos temas e casos descritos e apresentados.

Os médicos do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia podem estar tranquilos quanto aos felizes resultados do seu primeiro conclave. Foi um ensaio magnífico, que os encorajará, por certo, a um segundo certame, não muito distante, onde deverão ampliar convite a colegas de outros estados brasileiros, a nomes em evidência na medicina nacional, que aqui nos honrarão com o comparecimento, mas terão o que ver e o que escutar, no conhecimento expresso pela palavra e na técnica reconhecível pela documentação, como se viu das conferências agora realizadas.

De outro ângulo, foi ainda muito ditosa esta jornada, pela combinação de trabalhos, por suas feições disparas e os diferentes campos de especialidade comentados, onde cada sessão, em excelente equilíbrio, não enfasiava nem mesmo os leigos, ou quase leigos, que lá nos achamos, sintonizando com o entusiasmo de tantos esculápios presentes, integrados na seara biológica por odontólogos, fármaco-químicos, homens de laboratório, enfermeiros de curso.

Em uma mesma reunião, tinha-se um trabalho longo, maciço, rico de minúcias, filtrado por consecutivas lâminas apresentadas na nitidez das projeções, a exigir grave concentração; ao que se seguiu uma comunicação elegante de forma e transbordante de humor, como a preconizar a necessária higiene mental para a existência, num risonho arejamento da inteligência.

Os conferencistas foram particularmente venturosos na escolha dos temas e nos processos expositivos, e seria fastidioso citar nomes, que todos se equipararam na mesma justeza de opiniões, na igual segurança com que penetraram matérias investigadas, na idêntica e inconcussa demonstração de acuidade clínica, destreza operatória, paciência de exame, leitura rebuscada e modernizada dos assuntos ventilados.

Qualquer daquelas comunicações requer um repasse imediato dos problemas a elas ligados, uma rememoração do que há de clássico e básico sobre o objeto cuidado, como introdução ao caos escolhidamente apresentados, nas minúcias de suas formas, no proveitoso de seus ensinamentos.

Sendo um novo e poderoso núcleo intelectual que se funda em nosso meio, sob os melhores auspícios, aquele Centro de Estudos significa mais um gigantesco passo no aperfeiçoamento e no progresso do Hospital Cirurgia, a bendita semente brotada da alma singular e do coração borbulhante de amor e de ideal de AUGUSTO LEITE, de incontestável e augusta nobreza de espírito, nascido para o bem e para o venturoso destino de servir muito, sempre e a quem seja, no viver precioso para os que os cercam, admirável para os que lhe acompanham a existência, docemente compensadora a quem veio desempenhar na terra missão tão miraculosa, no ardor do impulso generoso, na convicção do dever cumprido, na brilhante delicadeza de tanto amor ao próximo, tanto respeito à ciência e tamanha veneração a Deus.

Cresceu aquela árvore, hoje imensa e pujante, de galho em galho, de flor em flor, numa frutificação exuberante de trabalho, de saber, de cooperação, de eficácia e de solidariedade humana. O modesto bloco plantado em 1926 expandiu-se incessantemente, porque nunca se extingue a esperança, nem se completa o desejo do sábio cirurgião, no ampliar os meios de salvação dos corpos, de lenitivo ao sofrimento, de conforto ao coração. Sua obra é secundada por um conjunto de profissionais ainda jovens na sua maioria, admiráveis na determinação, respeitáveis na honestidade, sob o intuito do Mestre, que os impregnou com os eflúvios de seu idealismo e chama sagrada de sua extremada sensibilidade, ao condoer-se da dor alheia.

Por tudo isso é que AUGUSTO LEITE já é, entre nós, não apenas uma figura ímpar, não somente criador de uma obra de mérito invulgar diante dos homens e de valor abençoado diante de Deus; mais do que tudo ele é, nesta terra sergipense, um exemplo inimitável, um marco imperecível, um homem raro. AUGUSTO LEITE é um símbolo.

Sergipe jornal, Aracaju, 31 de dezembro de 1952.

Texto 38

O recital do violonista Herrmann na Cultura Artística

Depois de seu concerto de abertura da temporada dêste ano, que não correspondera aos desejos e esforços da direção de nossa Cultura Artística, onde a solista muito deixou a desejar, na execução de obras não conhecidas de Bethoveen e Chopin, tivemos ontem, quase de improviso, um ótimo recital, com a apresentação do violinista patricio Fernando Herrmann.

A Cultura Artística vem sendo particularmente feliz nas audições de violino: Ida Hendel, Oscar Borgeth, Berardinelli. Cada qual melhor e mais seguro, na interpretação e no domínio do instrumento. Fernando Herrmann não lhes fica atrás. Justo no manejo do arco, precioso na tradução dos compassos, toca um límpido e corrente fraseado e uma sonoridade cheia e brilhante. Deu-nos um programa variado, onde se sente a habilidade de escolha, numa combinação sequente de páginas, em que se exibem os estilos dos autores e a capacidade interpretativa do executante, que assim se revela um artista de altas credenciais.

O concerto em ré maior de Mozart, a obra nuclear do programa, foi executada com o máximo brilhantismo de sua parte. As peças de Desplanes e Corelli encantaram pelo sentido medieval de religiosidade, representativo de uma época em que sua influência foi poderosa, em todas as manifestações artísticas. Herrmann as executou com bastante sentimento.

A terceira parte nos deu um grupo de músicas leves e agradáveis. Em algumas delas, como no Lebesleid de Kteisler, a surdina obtinha efeitos de grande ternura, aumentando-lhe a delicadeza de expressão. Para terminar, a polonaise de Wteniawiki e, em número extra, ainda uma página bem escolhida de Gluk.

Reabilitou-se, pois, a nossa Cultura Artística, do concerto anterior, um tanto massudo, com exceção, apenas, do número do quarteto. Talvez por isso a audição de ontem não tivesse tido a grande frequência costumeira dos recitais da SCAB. Os associados, porém, compreendam que

nem sempre é dado à diretoria acertar na seleção; e por isso, preferível suportar uma exibição medíocre do que perder um bom concerto como o de ontem.

Herrmann, que esteve este ano na Europa, ali voltará, para tocar como solista de orquestra, em oito países. De regresso ao Brasil, em 1954, se possível, que venha outra vez à Cultura Artística de Sergipe.

Diário de Sergipe, Aracaju, 01 de abril de 1953.

Texto 39

A bailarina Dore Hoyer

Absolutamente inédito, o espetáculo que a Cultura Artística do Rio de Janeiro apresentou, no Teatro Municipal, em julho passado, na exibição da bailarina alemã Dore Hoyer.

Por especial convite do diretor daquela Sociedade lá estivemos, na expectativa de que iríamos assistir a uma dessas demonstrações coreográficas comuns, se bem que muito bem desempenhadas. O que vivemos, todavia, foi inteiramente diverso do esperado, numa surpreendente ostentação de uma arte inspirada em motivos atuais, até antes não explorados. Nada daqueles bailados clássicos, baseados e saídos de motivos da velha Grécia; nada da plástica feminina á vista, que incontestavelmente ajuda o esplendor das encenações. Ao oposto, Dore Hoyer nada expõe de sua individualidade física, senão a sua arte, que deixa transparecer a vigorosa personalidade da artista, na sequência dos quadros que compõem as suítes programadas.

É um novo estilo coreográfico, para retratar a crua realidade da vida hodierna e os aspectos da técnica que o homem conseguiu, sob custosos esforços, ou o tributo que os anônimos pagam pelos dramas íntimos.

Na primeira parte do programa, nada mais vibrátil e épico do que SIGNAL, o alarme de guerra numa cidade invadida por paraquedistas. Outro grande quadro é CANSAÇO, que espelha a fadiga humana nas fainas diárias dos grandes esforços pessoais. E para amenizar vem mais tarde um quadro alegre, dos raríssimos alegres apresentadores, intitulado COZENDO O PÃO, calcado em um motivo popular espanhol.

Mas, as grandes emoções atingiriam seu clímax para a plateia, na suíte A GRANDE CANÇÃO, onde a música de seu acompanhante e compositor Wiatowitsch, se identifica com

o sentido das cenas e a extrema capacidade interpretativa da notável dançarina. Ela se apresenta com o cabelo oculto numa cobertura simples e linda, que dava a impressão de uma cabeça raspada. A roupa, que a cobre até os pés, é de talhe simples, sem adaptação ao corpo, quase inteiriça. O rosto está mascarado por uma tinta branca que o desfigura inteiramente. Não é a mulher que vai impressionar naqueles quadros, é apenas a artista, que conta história, revela segredos arrancados do fundo do pensamento e do coração unicamente com os motivos ritmados do corpo, dos braços, das mãos. Sucedem-se as dansas : a DA OBCESSÃO DIVINA, que termina num movimento giratório, em círculo, em todo o palco, de braços abertos em cruz, de rosto erguido para cima, de olhar imóvel, num rodopio compassado, uniforme, contínuo infindável... A música é uma só frase, que se repete interminavelmente. Reponta, adiante, vigorosa, tronante, para figurar á máquina moderna. São músculos e nervos, apenas, altamente disciplinados, que traduzem o conteúdo do quadro. Nenhum expectador deixa de entender a cena, por mais displicente que ele seja... Dore Hoyer impõe a compreensão da sua arte nova, que é a manifestação do impressionismo, do abstracionismo, no domínio da coreografia inédita, característica, marcante, palpitante de atualidade.

Mas a arte de Dore Hoyer é excepcional. No quadro DANSA DA INGENUA SIMPLICIDADE ela consegue, quase exclusivamente com o jogo de antebraços e mãos, traduzir o espírito em flor da menina moça, que já tem anseios de mulher, mais ainda se embevece com uma linha boneca, cujos cabelos afaga, cujo corpo acaricia. Sem uma palavra, sem uma expressão fisionômica sequer, Dore Hoyer é capaz de expressar tudo isso, no poder interpretativo que possui, na inspiração dos pensamentos que fizeram a grande criadora de tão assombrosos motivos coreográficos. Espanta como se possa elevar tanto uma arte tão antiga e devassada, num aspecto inteiramente novo, repleto de alma e de sensibilidade comunicativa, a par de uma admirável potência de músculos e nervos, ordenados em movimentos e posições medidas, de um total enquadramento á fórmula expressiva.

Ainda sob a forte emoção do empolgante espetáculo, só nos acode um pensamento; que a Cultura Artística de Sergipe possa, em breve, munida de palco indispensável, trazer até nós uma artista do valor de Dore Hoyer.

Correio de Aracaju, Aracaju, 25 de agosto de 1953.